

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE PSICOLOGIA

ALEXANDRE TRIMER

A PSICOSE PARANÓICA DESDE FREUD A LACAN

São Paulo

2008

ALEXANDRE TRIMER

A PSICOSE PARANÓICA DESDE FREUD A LACAN

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Psicologia PUC-SP como parte dos requisitos para titulação como psicólogo.

Orientador: Prof^a Dra. Regina Fabbrini

São Paulo

2008

RESUMO

A PSICOSE PARANÓICA DESDE FREUD A LACAN

ALEXANDRE TRIMER

Curso de Psicologia - Faculdade de Psicologia

e-mail: alextrimer@yahoo.com

Este Trabalho de conclusão de curso busca caracterizar a teorização lacaniana sobre a psicose. Inicia-se em Freud e sua compreensão sobre o fenômeno. Empreende uma leitura das “Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoídes) (1911)” - “Caso Schreber”. Descreve a teoria da constituição do sujeito segundo Lacan e sua a teorização sobre a psicose em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58).

Palavras chaves: psicanálise, psicose, Lacan, sujeito, forclusão.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	05
<i>Capítulo I</i> -	09
<i>O conceito de Psicose</i>	
<i>Capítulo II</i> -	16
<i>Schreber por Freud</i>	
<i>A realização de desejo assintótica</i>	32
<i>Capítulo III</i> -	41
<i>A teoria lacaniana da constituição do sujeito</i>	
<i>O espelho</i>	47
<i>Esquema L</i>	48
<i>Esquema R</i>	50
<i>Objeto</i>	51
<i>Édipo</i>	58
<i>Capítulo IV</i> -	62
<i>Schreber por Lacan</i>	
<i>O esquema I</i>	69
<i>Conclusão</i>	73
<i>Bibliografia</i>	78

Introdução

“Os sofrimentos da neurose e da psicose são, para nós, a escola das paixões da alma...”¹

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) parte do anseio em circunscrever a teoria lacaniana sobre a psicose. Esse interesse se inicia no primeiro semestre do curso de graduação em psicologia da PUC-SP. Conhecia a psicanálise, mas não em seu corpo teórico. Entendo que a psicanálise a partir de Freud lança as bases para outras perspectivas, ao olhar o fenômeno psicótico.

Entendemos que Lacan contribui para o campo psicanalítico, ao promover uma mudança epistemológica relevante para a consolidação da psicanálise como ciência. Sua contribuição foi de emancipar o campo freudiano, tanto de influências ligadas à biologia, como dos conceitos oriundos das ciências sociais e da filosofia.

Jacques Lacan, médico psiquiatra francês de formação cultural tradicional, começa, não a partir da psicanálise, mas da própria ciência psiquiátrica, bem como da filosofia. São as questões relacionadas ao fenômeno psicótico que levarão Lacan da psiquiatria à psicanálise, com Freud, e sua obra.

Sabemos que Freud sofreu influência de duas grandes correntes dominantes de sua época: o romantismo na filosofia e o positivismo na ciência. Lacan também sofreu influências da efervescência histórico-social, e cultural em que vivia.

No momento em que Lacan produzia sua teoria o estruturalismo aparece no cenário científico como forma de leitura mais rica e efetiva do mundo acabando por influenciar o retorno a Freud em Lacan. O estruturalismo como ciência nasce da crítica ao existencialismo, que na época tinha como principal ícone Jean-Paul Sartre. Este modelo de leitura do mundo derivado da fenomenologia teve seu auge no período das duas grandes guerras. Com a mudança radical da sociedade, novos valores e novos hábitos são criados, não mais cabendo as explicações e análises vigentes. E nesse cenário que nasce o estruturalismo que tendo como seu principal representante Claude Lévi-Strauss, que, na Antropologia, procede a uma leitura do mundo influenciado pela leitura/interpretação que Ferdinand de Saussure fizera da língua. Paralelamente Louis Althusser propõe uma leitura da obra de Karl Marx nos mesmos moldes, o que gerará

¹ Lacan, 1949, p.103.

um novo clima cultural no mundo pós-guerra e também um novo paradigma de leitura dos fenômenos humanos e do mundo

É importante destacar que a presença da influência de Lévi-Strauss na obra lacaniana aparece pela primeira vez no seu trabalho “*O Mito individual do neurótico*”, texto em que relê o Édipo e o romance familiar do neurótico. Nesse artigo, Lacan apresenta e ressitua o Édipo freudiano, a partir da leitura estruturalista do antropólogo. É o momento em que Lacan retoma a obra de Freud sob a ótica estruturalista e idealiza o chamado: “retorno a Freud”, para restaurar o vigor da descoberta freudiana e precisar os achados da psicanálise a partir do corpo de conhecimentos científicos pós-freudiano.

Portanto, Lacan empreende uma leitura epistemológica na obra de Freud, reinserindo seus conceitos num contexto histórico-social e cultural diferente, do momento de sua criação. O primeiro e mais importante exemplo, do “retorno a Freud” por Lacan, aparece na retomada da *teoria da representação* de Freud, cujo elemento básico: o conceito de representação está inserido no idealismo romântico do século XIX, modelo muito criticado na cultura científica de sua época. Lacan retoma os dados apresentados por Freud na sua primeira teoria do aparelho psíquico e sem anular nenhum dos princípios de funcionamento, relê o aparelho à luz da *teoria do significante*, teoria apresentada pelo lingüista Saussure. Mantendo todos os princípios e conceitos apresentados por Freud na sua primeira tópica Lacan altera somente o paradigma freudiano baseado na teoria da representação e considerado inadequado pelos críticos. Assim, o primeiro paradigma a ser alterado é o suporte da teoria da representação do modelo idealista para o estrutural lingüístico. Inicia-se assim o que ficou conhecido como o “retorno a Freud”, através da tese: “*o inconsciente é estruturado como linguagem*”, que termina em 1964.

O segundo paradigma é estrutural formal, e que se associa à matemática; pois já distanciado de Freud, ele elabora um novo conceito: o de *objeto a* – sua única invenção e sua contribuição para o avanço da psicanálise. Influenciado por uma nova mudança cultural, Lacan dá um novo giro em sua teoria. Isto se deu após 1968, momento em que os jovens fazem uma revolução sem armas, uma revolução cultural que denuncia e derruba toda a estrutura de poder vigente, indicando para Lacan um outro campo de

efetividade além da linguagem: o do *discurso*. Esse novo paradigma situa o campo lacaniano como o campo do *gozo*² e como instrumento de análise a teoria dos discursos.

Tanto Lacan como Freud, alteraram de modo sistemático, paradigmas e concepções teórico-clínicas ao longo de suas obras. Essas modificações visavam dar conta das demandas clínicas e do contexto histórico-social e cultural em que viveram. Como aponta Freud, nas *conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-17):

Também posso declarar que, no transcorrer do meu trabalho, tenho modificado minhas opiniões em alguns pontos importantes, tenho-as alterado e substituído por outras, novas — e, em todas essas ocasiões, naturalmente, tornei isto público³.

Portanto, buscamos caracterizar no primeiro capítulo o conceito de psicose em Freud. No segundo capítulo trazemos a análise freudiana contida nas “*Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranóides)* (1911)”, caso no qual Freud desenvolve uma descrição dos pormenores da engenhosa estrutura delirante. No terceiro capítulo descreve-se a teoria lacaniana da constituição da sujeito. No quarto capítulo a teorização lacaniana sobre a psicose desenvolvida em 1957/58 [em “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1957-58)].

Entendemos que, dentre as principais temáticas no campo da saúde, a *psicose* ou “*loucura*”, como vulgarmente ficou designado o comportamento irracional, cuja razão nos escapa, é uma das mais importantes, tanto pela sua complexidade, como pelos seus efeitos na sociedade. Na atualidade, luta-se pela extinção dos métodos que ignoram a subjetividade e que reduzem o paciente psiquiátrico a condição de objeto, dado que cronificam a doença mental.

Quanto ao tratamento, constata-se no *campo das psicoses* duas vertentes: uma de leitura psicodinâmica e outra de leitura comportamental e cognitivista, em que está baseada nas neurociências, e decreta o fim da psicanálise devido sua ineficácia operativa no tratamento. Por outro lado, psicanalistas, ao lado de psicólogos, sociólogos, antropólogos e filósofos denunciam a subserviência da psiquiatria, que, apoiada nas neurociências, estaria a serviço dos grandes laboratórios e do mercado, e que não apresenta eficácia no tratamento das psicoses/loucuras porque seu método de trabalho é adaptativo no sentido negativo do termo. Na maior parte das vezes sua ação

² *Gozo*: diferentes relações com a satisfação que um sujeito desejante e falante pode esperar e experimentar, no uso de um objeto desejado. (Chemama & Vandermersch, 2007 p. 168).

³ Freud 1916-17, p. 253.

em relação ao paciente seus resultados se resume em dopá-los, para que deixem de ser não ser mais um incômodo ou a excluí-los do laço social, pela internação sem fim.

Dentre as *psicoses/loucuras* o quadro que apresenta maior número de estudos tanto na psiquiatria como psicanálise é a “*paranóia*”, que também é situada como *paradigma da psicose-loucura*.

O estudo da *paranóia* apresentada por “Schreber” remete a psiquiatria tradicional do século XIX, onde se localiza o início dos estudos freudianos sobre os fenômenos psíquicos. Freud sempre se indagou sobre os determinantes dos fenômenos histéricos, neuróticos e perversos.

Portanto este TCC busca caracterizar a teorização lacaniana sobre a psicose. Inicia-se em Freud e sua compreensão sobre o fenômeno. Empreende a seguir a análise sobre o “Caso Schreber”, investigando sua produção e delírio. Continuando em Lacan descreve-se a teoria da constituição do sujeito e sua teorização sobre a psicose.

Como metodologia de trabalho foram realizadas: leituras e análise de textos, visando produzir uma investigação psicanalítica dos conceitos na obra de Freud e de Lacan sobre a *psicose*. Tratar-se aqui, portanto, de uma pesquisa teórica sobre os textos.

Capítulo I – O conceito de psicose em psicanálise

Freud inicia suas teorizações sobre o campo das “psicoses” a partir de seus estudos sobre a histeria. Em 1894, Freud atribuía sua gênese a uma não aceitação da realidade, ou acontecimento (não simbolização), em oposição ao mecanismo chamado neurótico de recalçamento (ou recalque).

Encontramos no início das teorizações freudianas sobre a psicose a hipótese de que, neste fenômeno, ocorreria um tipo de defesa muito mais poderosa em seus efeitos do que nas neuroses. Ele formula a hipótese de que, na psicose, o *eu* rejeitaria uma representação, juntamente com seu investimento afetivo, produzindo no sujeito uma não simbolização, ou seja, é como se a representação jamais tivesse ocorrido ao sujeito. Essa atitude coloca o sujeito em uma posição específica, então qualificada de “*psicótica*”, no qual se destaca uma “*confusão alucinatória*”.

No início de seus trabalhos sobre psicoses Freud contou com seu colaborador Karl Abraham. Como escreve o próprio Freud:

Em épocas iniciais de nosso trabalho começamos a estender as observações psicanalíticas a essas outras doenças. Já em 1908, Karl Abraham, após um intercâmbio de idéias comigo, declarou que a principal característica da demência precoce era que nela a catexia libidinal de objetos estava ausente. No entanto, aí surgiu a questão que consistia em saber o que acontecia à libido nos pacientes com demência precoce, retirada dos objetos. Abraham não hesitou em dar a resposta: ela se volta novamente para o ego e esse retorno reflexivo é a fonte da megalomania na demência precoce. A megalomania é, em todos os aspectos, comparável à conhecida supervalorização sexual do objeto na vida erótica [normal]. Desse modo, pela primeira vez chegamos a compreender um traço de uma doença psicótica relacionando-o com a vida erótica normal.⁴

Continuando seus comentários e centrando sua análise sobre o destino da libido que retorna ao eu, Freud afirma sobre o narcisismo:

Posso dizer-lhes, de imediato, que essas primeiras explicações de Abraham têm sido aceitas na psicanálise e se tornaram a base de nossa atitude relativa às psicoses. Assim, aos poucos nos familiarizamos com a noção de que a libido, que encontramos ligada aos objetos e que é expressão de um esforço para obter satisfação em conexão com esses objetos, também pode deixar os objetos e colocar o próprio ego da pessoa em lugar deles: a essa noção foi-se firmando gradualmente, sempre com maior coerência. O nome para essa forma de distribuir a libido — narcisismo —, nós o tomamos de empréstimo de uma perversão descrita por Paul Näcke [1899], na qual um adulto trata seu corpo com todos os mimos que usualmente são dedicados a um objeto sexual externo.⁵

⁴ Freud (1916-17), Conferência XXVI - A teoria da libido e o narcisismo *In Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, p. 416.

⁵ *Idem, ibidem.*

Em “introdução ao narcisismo (1914) Freud estuda as relações entre o ego e os objetos externos, distingue libido do ego e libido objetal. Introduce os conceitos de ideal de ego e instância auto-vigilante (base para posterior conceitualização na segunda tópica do super-eu).

Em 1914 Freud distingue a libido de objeto da libido narcisista, ao lado da qual situa a psicose, em seu conjunto. Tanto nos esquizofrênicos como nos paranóicos, ele pressupõe, com efeito, um desaparecimento da libido de objeto, em favor do investimento do eu, e o delírio teria, como função secundária, tentar reconduzir a libido de objeto. Em 1908 K. Abraham, que opõe, a respeito da demência precoce os dois tipos de investimento, do mesmo modo que pressupõe, também, à perseguição, uma origem erótica, o perseguidor não sendo outro, no começo, que não o próprio objetivo sexual.⁶

O estudo sistemático de Freud sobre a psicose começa tarde em sua obra. Mas encontramos desde seus textos pré-psicanalíticos como o “*Rascunho-H*” menção sobre o fenômeno psicótico. A psicose ou “loucura” sempre pertenceu ao campo de estudo da medicina (psiquiatria). A psicanálise dedicada ao estudo das neuroses e das perversões descrevia o fenômeno psicótico de modo inibido.

A *nosologia freudiana* partiu da psiquiatria, mas tomou forma própria em seu percurso. Começou distinguindo *neuroses atuais* e *psiconeuroses de transferência*. Nas primeiras atribuía-se ao fator somático o papel hegemônico na formação de sintomas, nas segundas, os acontecimentos na história de vida determinavam a criação de sintomas.

Cromberg (2000, p. 30-1) descreve que entre 1894 a 1896, Freud faz a distinção entre *neuroses atuais* (neurastenia e neurose de angústia) e *psiconeuroses de transferência* (histeria, neurose obsessiva e fobia). Em 1915, acrescenta uma terceira categoria, as *psiconeuroses narcísicas* e inclui a *hipocondria* como a terceira *neurose atual*. Em 1924 no artigo “*Neurose e Psicose*”, Freud muda a nosografia, acrescenta-se uma quarta categoria às *psicoses*. Ainda, segundo Cromberg (2000) Freud organizou uma psicopatologia baseada no ponto de fixação a que a libido regressaria. Por exemplo, a paranóia e a neurose obsessiva, estão ligadas a fase anal e a histeria de conversão e as fobias à fase fálica. A *paranóia* ocupa lugar entre as psicoses, ao lado das outras entidades clínicas psicanalíticas, como a *psicose maníaco-depressiva* e a *esquizofrenia* e seus subtipos *hebefrênica* e *catatônica*.

Freud justifica sua posição partindo de uma crítica aos métodos empregados na psiquiatria:

⁶ Chemama & Vandermersch, 2007, p. 289.

A psiquiatria não emprega os métodos técnicos da psicanálise; toca superficialmente qualquer inferência acerca do conteúdo do delírio, e, ao apontar para a hereditariedade, dá-nos uma etiologia geral e remota, em vez de indicar, primeiro, as causas mais especiais e próximas.⁷

Freud sempre se preocupou com a problemática da psicose. No artigo de 1894 “*Psiconeuroses de defesa*”, já apontava na psicose uma espécie de defesa muito mais poderosa que da neurose.

Quinet (1986) aponta este mecanismo de defesa, pelo qual o *eu* rejeita (*Verwerfung*), a representação insuportável, como se esta jamais tivesse alcançado o *eu*. No “*rascunho H*” de 1895, endereçado a Fliess, descreve que o objetivo da paranóia seria de rejeitar uma representação incompatível com o *eu*, projetando seu conteúdo no mundo externo. Em 1896 no artigo “*Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa*” aplica o esquema de classificação dos sintomas da neurose obsessiva à paranóia; assim, na paranóia, as censuras são projetadas no mundo externo e na obsessão são mantidas no mundo interno.

Em 1899 na “*carta 125*” a Fliess, Freud desenvolve a noção de *ponto de fixação* da libido, e, no caso da paranóia, essa fixação se daria na fase inicial da libido, isto é, no auto-erotismo. Na leitura de Quinet a paranóia:

... desfaz as identificações, restabelecendo as pessoas que se amou na infância, e cinde o eu em diversas pessoas estrangeiras. Esse despedaçamento do plano imaginário põe nu as identificações em jogo na composição do eu e poderia explicar os misteriosos casos de personalidades múltiplas em que diversas identificações procuram apoderar-se sucessivamente da consciência.⁸

Em 1905 nos “*três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, Freud fala da agressividade e da transformação do amor em ódio na paranóia. Depois, em 1908, em carta a Jung e a Ferenczi, surge a hipótese da relação entre a paranóia e homossexualidade.

Freud nunca tomou a psicose como o centro de suas reflexões e construções teóricas, mas Lacan, como veremos mais à frente, no início de sua obra tomou a psicose como objeto principal de sua teoria. Observamos que Freud fez seu primeiro grande estudo no campo das psicoses em 1911, por meio do texto *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Este texto é conhecido como o “*Caso Schreber*”. Portanto, Freud percebe que nas psicoses o

⁷ Freud 1916-17, p. 261.

⁸ Quinet 1986, p.4

mecanismo de recalçamento (ou recalque) não dava conta, por si só, de explicar a não incorporação simbólica de um acontecimento. Assim, em 1911, Freud propõe que, nas psicoses haveriam mecanismos de defesa específicos agindo, diferentes dos existentes nas neuroses. Por exemplo, na paranóia, predominaria: a *projeção*, o *narcisismo* e o *retorno da libido para o ego*.

Na descrição de Roudinesco (1998) Freud retoma o termo paranóia (no sentido de Kraepelin) na análise das memórias de Daniel Schreber (1911). Elabora uma noção de psicose baseada na paranóia, que permite integrá-la no quadro estrutural da psicanálise, em oposição à neurose e a perversão. Assim, na terminologia freudiana a paranóia torna-se o paradigma das psicoses em geral. No caso Schreber a paranóia é entendida como mecanismo de defesa contra a homossexualidade.

Dessa forma, Freud pode avançar em suas teorizações a respeito das psicoses, alterando alguns conceitos e ampliando outros; isso levou a teorizar a segunda teoria das pulsões (Pulsões de vida x Pulsões de morte) já que a primeira teoria das pulsões (Pulsões do ego x Pulsões sexuais) apresentava falhas, mesmo antes do estudo das psicoses como, por exemplo, pressupor conflitos humanos relacionados à sexualidade e consigo mesmo.

Nas psicoses ocorrem *alucinações*⁹ e *delírio*¹⁰. Há casos em que os delírios alteram a identidade da própria pessoa, e há casos em que esta alteração incide sobre outras pessoas. Por exemplo, na paranóia o sujeito se torna importante porque supõe-se perseguido por alguém (delírio de perseguição).

O termo *psicose* só se tornou realmente psicanalítico em 1924, mas é só com a segunda tópica, que foi possível pensar as diversas classes de quadros clínicos em

⁹ A *alucinação* é um fenômeno de linguagem. Essencialmente verbal (ela pode se passar por auditiva), ela se impõe em sua dimensão de voz, ou seja, ela não é redutível nem a um sensorium, nem a um percipiens, tal como a tradição psiquiátrica tenta apreende-la (“percepção sem objeto”, Ball). O campo da alucinação é um campo não-dialetizável para o sujeito, em que o peso da verdade está à medida do saber atribuído ao emissor: absoluto... Em Lacan a alucinação é efeito, na estrutura, do mecanismo de forclusão (Verwerfung) traduzido pela fórmula: “o que foi rejeitado na ordem simbólica ressurgue no real”. Assim, o que foi forcluído do simbólico faz retorno em um outro lugar: o real que confere à alucinação sua virulência particular e seu ponto de certeza. A alucinação se constitui como protótipo da irrupção psicótica e paradigma da significação pessoal (Chemama & Vandermersch, 2007, p. 31-2). (abordados no capítulo 4)

¹⁰ *Delírio*: segundo Freud, tentativa de cura, de reconstrução do mundo exterior, pela restituição da libido aos objetos, privilegiada na paranóia e tornada possível graças ao mecanismo da projeção, que permite que aquilo que foi abolido dentro retorne ao sujeito de fora. “os raios de Deus schreberianos, compostos de raios de sol, de fibras nervosas e de espermatozóides condensados, não são, no fundo, senão a representação concretizada e projetada para fora de investimentos libidinais, fazendo com que o delírio de Schreber apresente uma notável concordância com a nossa teoria”. (Chemama & Vandermersch, 2007, p. 84-5).

termos de conflito do eu com as demais instâncias psíquicas. Freud em 1924 no artigo *Neurose e Psicose* descreve a neurose como “*resultado de um conflito entre o ego e o id*”¹¹ e a psicose como “*desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo*”.¹² No mesmo artigo aponta que “*As neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o ego e o id; as neuroses narcísicas, a um conflito entre o ego e o superego, e as psicoses, a um conflito entre o ego e o mundo externo*”.¹³

Renata Cromberg explica que o termo paranóia (...) *significa ao lado do self, ou de si. “Para” – ao lado de, fora e “nóia” – de si.*¹⁴ Por isso a expressão “fora de si” está sempre associada à loucura. Segundo a autora Hipócrates utilizava o termo para se referir aos delírios de febre alta. Mas a falta de especificidade no uso fez com que caísse em desuso sendo resgatado apenas no século XIX pela psiquiatria.

O termo é utilizado pelo psiquiatra alemão Johann Christian Heinroth em 1842, a partir de um vocábulo difundido em 1772 pela nosografia francesa. Jules Séglas psiquiatra francês recorre ao termo em 1887, mas a transposição do termo para a nosografia psiquiátrica ocorre apenas nos trabalhos de Griesinger, Emil Kraepelin, Eugen Bleuler e, depois, Gaëtan Gatian de Clérambault. Nesses trabalhos a paranóia ao lado da esquizofrenia e da psicose maníaco-depressiva torna-se um dos três componentes modernos da psicose em geral. Segundo Roudinesco, a paranóia em psicanálise caracteriza-se “*(...) por um delírio*¹⁵ *sistematizado, com predominância da interpretação e pela inexistência de deterioração intelectual. Nela se incluem o delírio de perseguição, a erotomania*¹⁶, *o delírio de grandeza e o delírio de ciúme (..)*”.¹⁷

Entende-se erotomania como posição delirante caracterizada pela convicção de ser para o outro um objeto de interesse. G. de Clérambault contribui, ao descrever pela primeira vez a erotomania como uma estrutura particular e singular de delírio temático fixo, enquanto seus antecessores não haviam reparado nela senão um tema delirante, comum. “*A erotomania, assim isolada, participa, como o delírio de reivindicação e o*

¹¹ Freud (1924), p.167.

¹² *Idem, ibidem*

¹³ *Idem, p.170.*

¹⁴ Cromberg, 2000, p.16.

¹⁵ *Delírio* em psicanálise pode ser definido como a perda da realidade ou transformação da realidade.

¹⁶ Mania de sexo.

¹⁷ Roudinesco e Plon, 1998, p.572.

*delírio de ciúme, do grupo das psicoses passionais que, no seio da paranóia, se distingue dos delírios interpretativos”*¹⁸.

Laplanche & Pontalis (1982) definem paranóia como: “*psicose crônica caracterizada por um delírio mais ou menos bem sistematizado, pelo predomínio da interpretação e pela ausência de enfraquecimento intelectual, e que geralmente não evolui para a deterioração (...)*”¹⁹ Assim, o termo “paranóia”, derivado do grego clássico “(...) não significa uma doença da alma, mas o arrebatamento de um delírio.”²⁰

Laplanche & Pontalis (1982) no *Vocabulário de Psicanálise*, apontam que embora Freud tenha falado *esquizofrenia* utilizava-se e defendia o uso dos termos como *demência precoce* e *parafrenia*, sendo que este último facilmente poderia formar um par com um quarto termo *paranóia*, demarcando o campo das psicoses em duas vertentes; *esquizofrenia* e *demência precoce - paranóia e parafrenia*. Segundo os autores Freud admite. No Caso Schreber que essas duas grandes psicoses podem combinar-se (*paranóia - esquizofrenia*) de diferentes modos, mas sustenta a especificidade da esquizofrenia em relação à paranóia, especificidade que se encontra no nível do processo e das fixações: “*predominância do processo de “recalque” ou do desinvestimento da realidade sobre a tendência para restituição e, no seio dos mecanismos de restituição, predominância dos que se aparentam com a histeria (alucinação) sobre os da paranóia, que se aparentam mais com a neurose obsessiva (projeção); ao nível das fixações*”.²¹

Freud distingue em “*Formulações sobre os Dois Princípios Acontecer Psíquico* (1911) dois princípios reguladores, o princípio do prazer e o princípio da realidade, que imperam sobre, os processos primários e secundários.

Freud neste trabalho diferencia a realidade concreta da realidade psíquica:

O neurótico afasta-se da realidade por achá-la insuportável – seu todo ou partes dela. Encontramos o tipo mais extremo desse afastamento da realidade em certos casos de psicose alucinatória, nos quais o evento que provocou a loucura (Griesinger) deve ser negado [*verleugnet*] pela pessoa.²²

Laplanche & Pontalis (1982)²³ no *Vocabulário de Psicanálise*, no verbete fantasia, do alemão *Phantasie*, designa a imaginação. No francês o termo *fantasme* (fantasia) voltou a ser usado pela psicanálise e sua significação é definida como a

¹⁸ Chemama & Vandermersch, 2007, p. 116.

¹⁹ Laplanche & Pontalis 2001, p. 334.

²⁰ Kaufmann 1996, p.390.

²¹ Laplanche & Pontalis, (1982), p. 160.

²² Freud, 1911, p.65.

²³ Laplanche & Pontalis 2001, p. 170-73.

formação imaginária como o não o mundo das fantasias, atividade imaginativa em geral. Freud opõe o mundo interior, que busca a satisfação pela ilusão, ao mundo exterior, que se apresenta constantemente ao sujeito, por intermédio do sistema perceptivo, o princípio da realidade. Assim Freud descobre a fantasia como importante na etiologia das neuroses. Freud, que no início admitia a realidade das cenas infantis relatadas abandonou essa convicção quando, no decorrer da análise, constatou que a realidade material no discurso do paciente não passava de realidade psíquica (não é sinônimo de mundo interior). A realidade psíquica é singular e não pode ser confundida com realidade material. Freud assim ressaltou modalidades típicas de encenações fantásticas, como o romance familiar. A descoberta das fantasias típicas levou Freud a postular as fantasias originárias consideradas um:

...roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente... a fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos, fantasias inconscientes como as que a análise revela, como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto, fantasias originárias.²⁴

Deste ponto de vista freudiano uma fantástica singular do sujeito se organiza em roteiros; significa o conjunto da vida do sujeito. Freud distancia-se das concepções da época ao tomar a formação do delírio enquanto tentativa de cura, como uma reconstrução. A partir da primeira tópica do aparelho psíquico freudiano, o delírio toma significado de sintoma, ou seja, de uma formação de substituto. Portanto, as propriedades atribuídas ao delírio, como a tentativa de cura e a reconstrução, também se referem a outras formações substitutas (conversão, obsessão etc.). Segundo Freud, o delírio é entendido como tentativa de cura, isto é, Freud coloca que no delírio o sujeito busca uma reconstrução do mundo exterior, pela restituição da libido aos objetos, privilegiada na paranóia e tornada possível graças ao mecanismo da projeção, que permite que aquilo que foi abolido internamente retorne ao sujeito desde fora.

É a partir das “Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranóides) (1911) - O conhecido *O Caso de Schreber*, que Freud faz seu primeiro grande estudo no campo das psicoses.

²⁴ Laplanche & Pontalis 2001, p. 169.

Capítulo II – Schreber por Freud:

“.. recordo-me da fantasia de um interessante paciente psicótico que imaginou uma ‘linguagem básica’ da qual todas essas relações simbólicas seriam resíduos”.²⁵



Daniel Paul Schreber (1842-1914)

A história de Daniel Paul Schreber²⁶ (1842-1914) se inicia em Leipzig (Alemanha), a 25 de julho de 1842 (data de nascimento). Schreber; terceiro filho de uma família de cinco crianças. Teve como pai Daniel Gottlieb Moritz Schreber (1808-1861), respeitado médico, e sua mãe Louise Henrietta Pauline Haase (1815-1907). Na Cronologia de Schreber (Marilene Carone, 2006) aponta que quando ainda estava com 17 anos em 1858 seu pai sofre um acidente, com uma barra de ferro que cai sobre a sua cabeça, resultando em uma lesão (comprometimento cerebral) irreversível. Em decorrência deste acidente nos últimos anos de vida seu pai apresenta um quadro de neurose obsessiva com graves impulsos homicidas. Em novembro de 1861, em Leipzig seu pai morre, com 53 anos de idade de obstrução intestinal.

Em 1877, portanto, 16 anos após a morte do pai, Schreber (35 anos) sofre outra perda; “Daniel Gustav, irmão mais velho, comete suicídio com um tiro, aos 38 anos, logo após ser nomeado conselheiro tribunal (*Gerichtsrat*)”²⁷. Casa-se em 1878 quando sofre um episódio hipocondríaco, sem internação. A sua esposa Ottilin Sabine Behr (1857-1912), é descrita em sua Cronologia (Marilene Carone, 2006) como; quinze anos mais moça que ele, diabética, com temperamento infantil, e tendo acolhido muito pouco Schreber durante a sua doença. Um dado importante dessa união de Daniel Paul Schreber foi à falta de filhos, fato marcado pelos seis abortos espontâneos sofridos por Ottilin Sabine.

²⁵ Freud, 1915-16, p. 167-8.

²⁶ A história de vida de Daniel Paul Schreber é descrita neste trabalho com fundamentos retirados dos dados da cronologia de Schreber, partes encontradas da nota do editor da tradução inglesa do texto de Freud, trabalho do Dr. Franz Baumeyer (1956), que foi encarregado de um hospital situado perto de Dresden, onde encontrou alguns registros clínicos originais das sucessivas doenças de Schreber datados 1946-49 acrescentando informações adicionais. A isso se acrescenta dados da *Cronologia de Schreber* encontrada na bela tradução das *Memórias* do alemão, realizada por Marilene Carone, no início da tradução brasileira das *Memórias de um doente dos nervos* (2006).

²⁷ Carone, 2006, p.21-2. In Schreber, 1903.

Na análise das *Memórias* Freud começa com ênfase na primeira internação. Sua *primeira doença* ocorre em 1884 aos 42 anos, depois da nomeação ao cargo de vice-presidente do tribunal regional de Chemnitz (Alemanha). É internado na clínica para doenças nervosas da Universidade de Leipzig, cujo diretor é o professor *Paul Emil Flechsig*, uma das maiores autoridades em Neurologia e Psiquiatria da época. É diagnosticado com hipocondria. Fica internado seis meses. Sabe-se que depois de sua alta e aparente cura, ainda em 1º de junho de 1885, faz uma grande viagem de convalescência com sua esposa até o fim do ano.

‘Após me restabelecer da primeira doença, passei oito anos com minha esposa — anos, em geral, de grande felicidade, ricos de honrarias exteriores e nublados apenas, de vez em quando, pela contínua frustração da esperança de sermos abençoados com filhos.’²⁸

Com 44 anos em 1º de janeiro de 1886 toma posse no *Landgericht* de Leipzig, no cargo de juiz-presidente do Tribunal Regional, assim retoma as atividades profissionais em Leipzig, para onde fora transferido durante o período de internação, no cargo de juiz-presidente do Tribunal Regional.

Aos 46 anos (1888) Schreber recebe honraria oficial: a Cruz de Cavaleiro da Primeira Classe. No ano seguinte, com 47 anos, em 1889 é nomeado presidente do tribunal de Freiberg (Alemanha), e transfere-se para aquela cidade. Com 49 anos de idade em 1891 por dois anos consecutivos (1891 e 1892) é eleito por seus pares membros do colegiado distrital de Freiberg.

Em junho de 1893, recebe a visita do ministro da Justiça, que lhe anuncia a iminente nomeação para *o cargo de Senatspräsident (juiz presidente da Corte de Apelação), na cidade de Dresden*, para onde Schreber se transfere imediatamente, com a esposa. A posse do cargo se dá a 1º de outubro. Freud comenta:

Em junho em 1893, ele foi informado de sua provável indicação para *Senatspräsident*, e assumiu o cargo a 1º de outubro do mesmo ano. Entre estas duas datas tivera alguns sonhos, embora só mais tarde viesse a lhes atribuir qualquer importância. Sonhou duas ou três vezes que o antigo distúrbio nervoso retornara e isto o tornou tão infeliz no sonho, quanto a descoberta de ser apenas um sonho fê-lo feliz ao despertar. Além disso, certa vez, nas primeiras horas de manhã, enquanto se achava entre o sono e a vigília, ocorreu-lhe a idéia de que, ‘afinal de contas, deve ser realmente muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula’. (36.) Tratava-se de idéia que teria rejeitado com a maior indignação, se estivesse plenamente consciente.²⁹

²⁸ Freud (1911), p. 23-4.

²⁹ *Idem*, p. 24.

Freud destaca a viagem por volta de 10 de novembro, com Ottilin Sabine (esposa) para Leipzig, com o objetivo de consultar o prof. Flechsig. Queixa-se de um “*torturante acesso de insônia*” e “*angústia*”. Durante dez dias, Flechsig tenta tratá-lo em casa, sem resultados e Schreber piora.

Segundo o relatório escrito em 1899 (posterior) manifestava diversas idéias hipocondríacas (Sonnenstein), tal como: “*queixava-se de ter um amolecimento do cérebro, de que morreria cedo etc.*”.³⁰ Também tem idéias de perseguição, de ilusões sensoriais, ilusões visuais e auditivas, alto grau de sensibilidade a estímulos – chegando a espasmos. Mais tarde apresenta distúrbios cenestésicos que predominam em seu pensamento e sentimento. A preocupação, segundo este relatório feito por Schreber em relação à suas experiências patológicas: “*era inacessível a qualquer outra impressão e sentava-se perfeitamente rígido e imóvel durante horas (estupor alucinatório).*”³¹. Suas idéias delirantes aos poucos assumiram caráter místico e religioso.

Na cronologia de Schreber (Carone, 2006) encontra-se o registro que em 21 de novembro de 1893 Schreber sofre de sua segunda doença, aos 51 anos de idade. É internado novamente na clínica da Universidade de Leipzig, por seis meses. Depois transferido para hospital de Lindenhof e depois para *Sonnenstein onde irá permanecer por um período de 8 anos* até a sua alta depois da redação de suas *Memórias*. De 14 a 28 de junho de 1894 permanece no hospital de Lindenhof, mencionado nas *Memórias* como “*a cozinha do diabo*”, dirigido pelo Dr. Pierson. Em 29 de junho é transferido e dá entrada no *sanatório de Sonnenstein*, onde permanece até 1902, com o diagnóstico de *dementia paranoides*. Consta que Schreber, deste 1894, fica sob curatela (cuidados) provisória, por motivo de sua doença mental.

Depois de cinco anos em outubro de 1899 Schreber começa a se interessar por sua situação legal e denúncia como irregular a curatela provisória sob a qual se encontra. Inicia um processo em prol da recuperação da sua capacidade civil.

Em março, a primeira sentença do tribunal é desfavorável ao pedido de suspensão da curatela, e é declarada como definitiva a interdição legal. Schreber interpõe recurso e apela da sentença. De junho desse ano a outubro de 1901, redige a primeira série de suplementos das *Memórias*. A 14 de julho de 1902 a Corte de Apelação concede finalmente o levantamento da interdição e Schreber recupera a

³⁰ Freud (1911), p. 24.

³¹ *Idem, ibidem.*

capacidade civil plena. No final do ano, redige a segunda série de suplementos e da introdução. Em dezembro, tem alta hospitalar.

A decisão judicial que devolveu ao Dr. Schreber a liberdade resume a essência de seu sistema delirante em poucas frases: ‘Acreditava que tinha a missão de redimir o mundo e restituir-lhe o estado perdido de beatitude. Isso, entretanto, só poderia realizar se primeiro se transformasse de homem em mulher.’ (475.)³²

No início de 1903 com alta hospitalar e com seus direitos civis plenos divulga carta aberta ao Prof. Flechsig³³. Também neste ano, o casal Schreber passa a viver em *Dresden* e adotam uma menina de 13 anos. Após sua alta, Schreber parece ter levado uma existência normal por alguns anos.

Freud destaca que Schreber não teve dificuldades de escrever as memórias:

“Não tive problemas”, escreve ele, “em fechar os olhos às dificuldades que pareciam jazer no caminho da publicação, e, em particular, à preocupação de render devida consideração às suscetibilidades de algumas pessoas ainda vivas. Por outro lado, sou de opinião que poderia ser vantajoso tanto para a ciência quanto para o reconhecimento de verdades religiosas se, durante meu tempo de vida, autoridades qualificadas pudessem encarregar-se de examinar meu corpo e realizar pesquisas sobre minhas experiências pessoais.”³⁴

Chemama (2007) escreve que:

As memórias é o texto que Schreber redigiu, não sem hesitação, no asilo de Sonnenstein, para onde fora transferido em 1894 e onde residiu até sua morte. O que surpreende da saída nessas Memórias, escritas em fevereiro de 1900 e novembro de 1902, com a finalidade “de ser útil a ciência e ao reconhecimento das verdades religiosas”, é que o acontecimento desencadeador da psicose introduz na vida do Presidente uma ruptura, uma fratura, e isso apesar do título de seu relato que se pretende histórico.³⁵

Assim, escreve as memórias propriamente ditas, capítulos I-XXII, de fevereiro a novembro de 1900. Os suplementos I-VII, de outubro de 1900 a junho de 1901. E a segunda série de suplementos, no final de 1902. Em 1903 com cortes e supressão de um capítulo, são publicadas em Leipzig, pelo editor O. Mutze, *As Memórias de um doente dos nervos*. No momento da publicação das Memórias (1903) foi amplamente discutida no círculo psiquiátrico, mas apenas em 1910, Freud se interessa por seu estudo.

Ainda neste ano (1907) Schreber com 65 anos sofre sua terceira doença e última internado em estado extremamente perturbado morre a 27 de novembro deste ano.

³² Freud, 1911, p. 28.

³³ Nesta carta Schreber justifica que nas Memórias as questões sobre o médico Flechsig não se referem à pessoa mas sim de uma figura criada por sua doença em seus delírios.

³⁴ Freud, 1911, p. 22.

³⁵ Chemama & Vandermerch, 2007, p. 339.

Na teoria freudiana da paranóia destacam-se dois pontos essenciais: regressão ao narcisismo e evitação, pela projeção, dos fantasmas homossexuais. Nesse sentido Freud escreve a esse respeito em seu texto “*Compete ao futuro decidir se existe mais delírio em minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar*”.³⁶

Freud justifica investigação analítica da paranóia.

A investigação psicanalítica da paranóia seria completamente impossível se os próprios pacientes não possuíssem a peculiaridade de revelar (de forma distorcida, é verdade) exatamente aquelas coisas que os neuróticos mantêm escondidas em segredo. Visto que os paranóicos não podem ser compelidos a superar suas resistências internas e desde que, de qualquer modo, só dizem o que resolvem dizer, decorre disso ser a paranóia um distúrbio em que um relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente. Por esta razão, penso ser legítimo basear interpretações analíticas na história clínica de um paciente que sofria de paranóia (ou, precisamente, de dementia paranoides) e a quem nunca vi, mas que escreveu sua própria história clínica e a publicou.³⁷

Freud na introdução de seu estudo refere-se a um auto-retrato escrito pelo próprio Schreber, que se descreve como um “*homem de dotes mentais superiores e contemplado com agudeza fora do comum, tanto de intelecto quanto de observação.*”³⁸. Nesse estudo Freud faz uso de apenas um único fato da história clínica de Schreber que não estava contido nas Memórias *Denkwürdigkeiten* “*Na época dessa doença, o Dr. Schreber contava 51 anos e, portanto, atingira uma idade de importância decisiva na vida sexual*”.

Nas “*Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides) (1911)*”, Freud desenvolve uma descrição dos pormenores da *engenhosa estrutura delirante*.

Parte de fatos descritos em relatórios médicos havia assumido seu aspecto final (segunda doença – Sonnenstein). Um deles, destaca Freud: “*O diretor da clínica acentua dois pontos como sendo de suma importância: a assunção, pelo paciente, do papel de Redentor e sua transformação em mulher*”. O delírio de redentor segundo Freud é encontrado com maior frequência, como o que forma o *núcleo da paranóia religiosa*.

Sabemos que a idéia de se transformar em mulher (isto é, de ser emasculado) constituiu o delírio primário, que ele no início encarava esse ato como grave

³⁶ Freud, 1911, p. 85.

³⁷ *Idem*, p. 21.

³⁸ *Idem*, p. 22.

injúria e perseguição, e que o mesmo só se relacionou com o papel de Redentor de maneira secundária.³⁹

Freud descreve a história clínica de Schreber a partir de relatórios clínicos dos médicos Dr. Paul Emil Flechsig e Dr. Weber. Assim Freud em momentos de seu texto reproduz na íntegra fragmentos das *Memórias “Denkwürdigkeiten”* referidos ao delírio de Schreber e escreve: “*Para uma descrição mais pormenorizada de seus delírios, tal como apareceram em sua forma final, podemos recorrer ao Relatório de 1899 do Dr. Weber*”. Neste relatório aponta o delírio de Schreber como tendo seu ponto culminante em sua crença de ter a missão de redimir o mundo e restituir à humanidade o estado perdido de beatitude. Para isso foi convocado por inspiração direta de Deus. Pois os nervos, em condições de grande excitação, têm exatamente a propriedade de exercer atração sobre Deus. A parte mais essencial de sua missão redentora é ela ter de ser precedida por sua *transformação em mulher*. Não se deve supor que ele *deseje* ser transformado em mulher; trata-se antes de um ‘dever’ baseado na Ordem das Coisas, ao qual não há possibilidade de fugir, por mais que, pessoalmente, preferisse permanecer em sua própria honorável e masculina posição na vida.⁴⁰

Com Freud o delírio sexual de perseguição em Schreber passou para um delírio religioso de grandeza. A figura perseguidora foi num primeiro momento direcionada ao Professor Flechsig (médico anterior) depois para a figura do Próprio Deus. Freud cita Schreber:

‘Desse modo, uma conspiração contra mim foi levada ao ponto culminante (por volta de março ou abril de 1894). Seu objetivo era conseguir que, uma vez minha doença nervosa houvesse sido reconhecida como incurável ou assim admitida, eu fosse entregue a certa pessoa, de maneira específica: minha alma deveria ser-lhe entregue, mas meu corpo — devido a uma má compreensão do que acima descrevi como o propósito subjacente à Ordem das Coisas — deveria ser transformado num corpo feminino e como tal entregue à pessoa em apreço com vistas e abusos sexuais, então simplesmente seria “deixado de lado” — o que indubitavelmente significa ser entregue à corrupção.’ (56.)⁴¹

Freud indica que a *emasculação* tem propósito de estabelecer uma *harmonia com a Ordem das Coisas*, muito provavelmente pode proporcionar a solução do conflito. Assim segundo Freud, esta *fantasia* apareceu durante o período de incubação de sua moléstia, e antes que tivesse começado a sentir os efeitos do excesso de trabalho em Dresden.

³⁹ Freud, 1911, p. 29.

⁴⁰ *Idem*, p. 28.

⁴¹ Schreber *apud* Freud, 1911, p. 29.

Freud destaca que o próprio Schreber indica o mês de novembro de 1895 como a época em que se estabeleceu a vinculação entre a fantasia de emasculação e a idéia do Redentor, preparando-se assim o caminho para ele reconciliar-se com a primeira:

‘Agora, contudo’, escreve, ‘dei-me claramente conta de que a Ordem das Coisas exigia imperativamente a minha emasculação, gostasse ou não disso pessoalmente, e que nenhum caminho *razoável* se abre para mim exceto reconciliar-me com o pensamento de ser transformado em mulher. A outra conseqüência de minha emasculação, naturalmente, só poderia ser a minha fecundação por raios divinos, a fim de que uma nova raça de homens pudesse ser criada.’ (177.)⁴²

“A idéia de ser transformado em mulher foi a característica saliente e o germe mais primitivo de seu sistema delirante”.⁴³ Freud diz que essa seria a única parte de seu delírio que permaneceu intacta após sua cura, e destaca um comentário de Schreber por volta de junho de 1901 sobre o relatório do perito na processo de restabelecer seus direitos civis:

..‘A *única coisa* que poderia parecer disparatada aos olhos de outras pessoas é o fato, já aflorado no relatório do perito, de que sou às vezes encontrado parado em frente do espelho ou em outro lugar, com a parte superior de meu corpo desnuda e usando adornos femininos variados, tais como fitas, colares falsos e similares. Isto só ocorre, posso acrescentar, quando estou *sozinho*, e nunca, pelo menos na medida em que posso evitá-lo, na presença de outras pessoas.’ (429)..⁴⁴

Freud aponta que a atitude singular do paciente com *Deus*, busca chegar a uma compreensão do que chama de *sistema teológico-psicológico*, e formular hipóteses sobre os *nervos*, o *estado de beatitude*, a *hierarquia divina* e os *atributos de Deus*, também opinar sobre sua lógica delirante (manifesta).

Freud explica as *Almas* como contidas nos nervos do corpo. Os homens se compõem de *corpos* e *nervos* (numero limitado). Diferente de *Deus* que possui nervos infinitos ou eternos, os quais podem se transformar em qualquer objeto imaginável, os conhecidos *Raios*.

No delírio *Deus* não tem nenhuma comunicação com as almas, de acordo com a ordem das coisas, nem depois da morte, só em casos especiais entraria em contato com pessoas, altamente dotadas (estabelecer com elas uma vinculação de nervos). Quando um homem morre, seu espírito (os nervos) é submetido a um processo de purificação, antes do encontro com deus “nas ante-salas do céu”. A ordem das coisas ou *A Ordem do*

⁴² Schreber *apud* Freud, 1911, p. 31.

⁴³ Freud, 1911, p. 31.

⁴⁴ Schreber *apud* Freud, 1911, p. 31.

Mundo seria que tudo se move num giro eterno (essa é a lógica da ordem do mundo). E “*Deus ao criar qualquer coisa, doa parte de seus nervos. A perda é compensada quando, um longo período de tempo, os nervos dos mortos, que ingressaram no estado de beatitude, mais uma vez, como ‘ante-salas do Céu’.*”⁴⁵

No *delírio* as almas submetidas ao processo de purificação podem gozar de um estado de beatitude e perdem um pouco de sua consciência individual e se fundem com outras almas em unidades mais elevadas⁴⁶. No processo de purificação, “*as almas aprendem a língua que é falada pelo próprio Deus, a chamada “língua básica”, um alemão vigoroso, ainda que um tanto antiquado, que se caracteriza especialmente pela grande riqueza em eufemismos (13.)*”.⁴⁷

Numa única ocasião durante sua doença, foi concedido ao paciente o privilégio de ver, com seus olhos espirituais, o Deus Todo-Poderoso claro e indisfarçado à sua frente. Nessa ocasião, Deus pronunciou o que era palavra muito corrente na língua básica, enérgica mas não afável — a palavra ‘Relaxado’ (136.)

[Em alemão, ‘Luder’. Esta expressão ofensiva é ocasionalmente aplicada a homens, embora o seja muito mais amiúde a mulheres. — Freud retorna a um exame da ‘língua básica’ ao final da Conferência X de suas Conferências Introdutórias (1916-17).]⁴⁸

Marilene Carone (2006) no glossário sobre questões do delírio de Schreber diz que *a Língua fundamental (língua dos raios, língua dos nervos)* é a língua falada por Deus e suas instâncias intermediárias, que são em especial *Vozes*. Em alemão arcaico, mas vigoroso, elegante e simples, que se caracteriza por uma grande riqueza de eufemismos e pelo hábito de usar expressões com o sentido oposto ao da língua humana. A língua fundamental conta com sintaxe própria - utiliza de preferência expressões gramaticais incompletas, omite palavras e deixa frases interrompidas. Com o tempo ela sofre um processo de decadência, com perda de autenticidade e de inteligência, passando a constituir numa seqüência empobrecida de frases decoradas e repetitivas.

Freud destaca que *Deus* não é uma entidade simples de se entender. Acima das ‘ante-salas do céu’ pairava o próprio Deus. Esses eram os domínios posteriores de Deus.

⁴⁵ Freud, 1911, p. 33.

⁴⁶ As almas importantes destacadas por Schreber que seriam daqueles homens como Goethe, Bismarck etc., podem manter seu senso de identidade por centenas de anos mais, antes de se transformar em complexos anímicos superiores, como os ‘raios de Javé’, no caso do povo judeu, ou ‘raios de Zoroastro’, no caso da antiga Pérsia. In Freud (1911), p. 33.

⁴⁷ Schreber apud Freud, 1911, p. 33-4.

⁴⁸ Freud, 1911, p. 34.

O Reino de Deus constituído por um conjunto de forças do além – Deus e todas as instâncias intermediárias: raios, almas, nervos, vestibulos do céu, etc.

Freud comenta as *Memórias* “*Por todo o livro de Schreber ressoa a amarga queixa de que Deus, estando acostumado apenas à comunicação com os mortos, não compreende os homens vivos*”.⁴⁹

Em relação a isso, Schreber escreve sobre *um mal-entendido fundamental*, fato que, *de acordo com a Ordem das Coisas, Deus realmente não sabia nada sobre os homens vivos* e não precisava conhecer. Deus só se comunicava com cadáveres.

Frente a esse mal-entendido fundamental, Schreber se perguntava sobre a incapacidade de Deus em julgar corretamente os homens vivos. E a partir disso Freud aponta o instigador da conspiração como resultado da má compreensão que Deus tinha dos homens vivos. O que possibilitou a Deus instigar a conspiração contra Schreber evocá-lo por Idiota e submetê-lo a difíceis provações. E Schreber para evitar ser entendido como um *Idiota* se submete a um ‘pensamento forçado’, pois se sua atividade mental parasse o seu Deus o compreendia como um *Idiota*. Freud explica que tantos os *Milagres*, quanto as *Vozes* tem origem em Deus, isto é, nos raios divinos.

Freud aponta que, sobre o “*ato de evacuar*” defecar, urinar e questões relacionadas ao corpo (organismo) Schreber entende necessidades evocadas por milagre. O ato de evacuar é um milagre realizado pelo Deus e só pode ser explicado pela ignorância completa de Deus sobre o homem vivo (organismo). Freud destaca que “há um equívoco em relação ao significado simbólico do ato da evacuação, uma noção, na verdade, de que qualquer um que tenha mantido uma relação como a que mantenho com os raios divinos tem, até certo ponto, direito de cagar sobre o mundo inteiro”.⁵⁰

Quando, levado por tal impulso, eu realmente consigo evacuar — e, geralmente, visto quase sempre encontrar o banheiro ocupado, uso um balde para esse fim — o processo é sempre acompanhado pelo aparecimento de uma sensação extremamente intensa de voluptuosidade espiritual, pois o alívio da pressão causada pela presença das fezes nos intestinos produz intenso bem-estar nos nervos da voluptuosidade; e o mesmo também acontece com a urina. Por esta razão, ainda até o dia de hoje, enquanto estou evacuando ou urinando, todos os raios acham-se sempre, sem exceção, unidos; por esta mesma razão, sempre que me dedico a estas funções naturais, é invariavelmente feita uma tentativa, embora vã, de inverter por milagre o impulso de defecar ou urinar.’ (225-7.)⁵¹

⁴⁹ Freud, 1911, p. 35.

⁵⁰ *Idem*, p. 36.

⁵¹ Schreber *apud* Freud, 1911, p. 36.

Em nota de rodapé Freud comenta sobre o prazer processos excretórios, que aprendemos a identificar como um dos componentes auto-eróticos da sexualidade infantil, e que pode ser comparada com as observações feitas em “pequeno Hans” (1909b).

O *Deus* de Schreber *nunca aprende pela experiência*. Ele pode continuar a repetir as mesmas atormentadoras provações, milagres e vozes, sem alteração, ininterruptamente ano após ano, até que, inevitavelmente, se torna motivo de riso. Freud comenta que a sua enfermidade é encarada como uma luta entre Schreber, o homem e Deus, luta na qual a vitória fica com o homem, fraco que seja, porque a Ordem das Coisas acha-se do seu lado. Freud argumenta que nenhuma tentativa de explicar o caso de Schreber terá êxito, se não se considerar as peculiaridades da sua concepção de Deus (a mistura de reverência e rebeldia na atitude de Schreber para com Deus).

No “*estado de beatitude*” destaca Freud como sendo um estado de fruição ininterrupta, ao qual está ligado a contemplação de Deus. Schreber distingue um “estado de beatitude” masculino e outro feminino. O estado *masculino* superior ao feminino parece principalmente numa sensação ininterrupta de voluptuosidade. Assim *Voluptuosidade e Beatitude* (fruído pelos espíritos que já não mais se acham aqui) têm um estreito relacionamento.

Descobriremos, na verdade, que este “relacionamento estreito” é a rocha sobre a qual o paciente funda suas esperanças de uma reconciliação final com Deus e de que seus sofrimentos recebam um fim. Os raios de Deus abandonam sua hostilidade assim que se certificam de que, sendo absorvidos pelo corpo dele, experimentarão voluptuosidade espiritual (133); o próprio Deus exige poder encontrar voluptuosidade nele (283) e ameaça-o com a retirada de Seus raios, se se esquecer de cultivar a voluptuosidade e não puder oferecer a Deus o que Este exige. (320.)

Freud observa que essa sexualização do estado de beatitude celestial sugere que este derive de uma condensação da palavra alemã ‘*selig*’, a saber, ‘falecido’ e ‘sensualmente feliz’. A partir disso é possível analisar o lado erótico da vida de Schreber e Freud lembra que “*para a psicanálise as raízes de todo distúrbio nervoso e mental devem se encontrar principalmente na vida sexual do paciente*”⁵². Ainda Freud, “*O próprio Schreber fala repetidas vezes como se partilhasse de nosso preconceito. Fala constantemente, e no mesmo alento, de ‘distúrbio nervoso’ e lapsos eróticos, como se as duas coisas fossem inseparáveis*”.⁵³ Escreve Schreber, tendo em mente histórias

⁵² Freud, 1911, p. 40.

⁵³ *Idem, ibidem.*

bíblicas como de Sodoma e Gomorra, o Dilúvio etc., num trecho sobre os excessos voluptuosos (“corrupção moral”) ou distúrbios nervosos, que pensa que o mundo em questão poderia chegar a um fim catastrófico.

Freud destaca que, *Senatspräsident* Schreber sempre fora homem de moral estrita, mas que após sua doença o lado erótico de sua vida se alterou. O cultivo a voluptuosidade era imposta a ele e somente no cumprimento desse dever é que poderia terminar o grave conflito, os pensamentos a seu respeito. “A voluptuosidade, assim as vezes *lhe asseguravam, havia-se tornado ‘temente a Deus’, e só lhe restava lamentar que não se pudesse dedicar a seu cultivo durante todo o dia*”.⁵⁴

E em relação a seus delírios escreve ele:

‘Essa atração [isto é, a atração exercida por Schreber sobre os nervos de Deus], contudo, perdia seus terrores para os nervos em apreço, se, e na medida em que, após entrarem em meu corpo, encontravam um sentimento da voluptuosidade espiritual de que eles próprios partilhavam. Pois, se isso acontecia, descobriam em meu corpo um substituto equivalente ou aproximadamente equivalente para o estado de beatitude celestial que haviam perdido, e que consistia numa espécie de fruição voluptuosa.’ (179-80.)⁵⁵

Essa liberdade sexual em Schreber assumiu uma “*atitude feminina para com Deus*” “*sentiu que era a esposa de Deus*”. A idéia (fantasia) de “*transformação em mulher*” é a mais tratada no delírio de Schreber. Freud lembra o sonho⁵⁶ que o paciente teve durante o período de incubação de sua enfermidade, e diz: “*que seu delírio de ser transformado em mulher nada mais era que a realização do conteúdo desse sonho*”⁵⁷.

No delírio de ser transformado em mulher o mecanismo da *atração* estava presente:

Por meio do que chama de ‘atrair’ (isto é, pela invocação de imagens visuais), é capaz de dar tanto a si quanto aos raios a impressão de que seu corpo se acha aparelhado com seios e órgãos genitais femininos: ‘Tornou-se tanto um hábito para mim atrair nádegas femininas para meu corpo — *honi soit qui mal y pense* — que o faço quase involuntariamente, a cada vez que me abaixo.’ (233.)⁵⁸

Frente ao espelho:

É ‘ousado o bastante para asseverar que quem quer que tenha oportunidade de me ver diante do espelho com a parte superior de meu corpo desnuda — especialmente se a ilusão é auxiliada por estar eu usando algum atavio

⁵⁴ Freud, 1911, p. 41.

⁵⁵ Schreber *apud* Freud, 1911, p. 41.

⁵⁶ Em junho em 1893... sonhou duas ou três vezes... ‘afinal de contas, deve ser realmente muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula’. (36.) Tratava-se de idéia que teria rejeitado com a maior indignação, se estivesse plenamente consciente” (Freud, 1911, p.24.).

⁵⁷ Freud, 1911, p. 43.

⁵⁸ Schreber *apud* Freud 1911, p. 42.

feminino — receberia uma impressão inequívoca de um *busto feminino*. (280.)⁵⁹

Solicita exame médico:

Solicita exame médico, a fim de estabelecer o fato de que todo o seu corpo possui nervos de voluptuosidade dispersos sobre ele, da cabeça aos pés, situação, que, em sua opinião, só pode ser encontrada no corpo feminino, enquanto no indivíduo do sexo masculino, segundo melhor de seu conhecimento, os nervos da voluptuosidade existem apenas nos órgãos sexuais e em sua vizinhança imediata. (274.)⁶⁰

A Reconciliação ocorre em novembro de 1895. Nesse momento, começa a se reconciliar com a transformação e deixá-la harmônica com os propósitos de Deus. Escreve Schreber que *‘Desde então, e com plena consciência do que fiz, inscrevi em minha bandeira o cultivo da feminilidade.’* Acrescenta que o Próprio Deus para sua satisfação, exigia dele a feminilidade. Freud sublinha que: *“no sistema de Schreber, os dois elementos principais de seus delírios (sua transformação em mulher e sua relação favorecida com Deus) acham-se vinculados na adoção de uma atitude feminina para com Deus”*.⁶¹

Segundo Chemama (2007) a proposta de estudo do caso Schreber por Freud *“propôs abordar as manifestações psíquicas de Schreber a partir do arcabouço psicanalítico adquirido no estudo das psiconeuroses, por decorrerem dos mesmos processos gerais da vida psíquica”*.⁶²

Freud encontra nas *Memórias* um facilitador para a sua análise e aplicação da técnica psicanalítica. Segundo Freud a capacidade intelectual de Schreber e sua comunicatividade nas *Memórias* oferecem-nos a chave, a partir de suas proposições delirantes, para o método de análise psicanalítico de: *“despir a frase de sua forma negativa, tomar o exemplo como sendo a coisa real, ou a citação, ou glosa, como a fonte original, e encontramos-nos de posse do que estamos procurando, a saber, uma tradução da maneira paranóica de expressão para a normal”*.⁶³

Freud indica dois caminhos para a compreensão, a partir das próprias declarações delirantes do paciente, ou das causas ativadoras de sua doença.

⁵⁹ Schreber *apud* Freud, 1911, p. 42.

⁶⁰ *Idem*, p. 42.

⁶¹ Freud, 1911, p. 44.

⁶² Chemama & Vandermerch, 2007, p. 288.

⁶³ Freud, 1911, p. 45.

Freud ilustra seu procedimento quando aponta que Schreber se queixa do aborrecimento criado pelos chamados *Pássaros miraculados* (ou *pássaros falantes*) que têm poderes. Schreber crê que são formados nas antigas ante-salas do Céu, isto é, almas humanas beatificadas e impregnadas com *veneno de ptomaína* (veneno de cadáver) e instigadas contra Schreber. Condicionados a repetir ‘frases sem sentido, ‘Diacho de sujeito!’ ou ‘O diabo o leve!’ “*não podem entender o significado das palavras que dizem, mas são, por natureza, suscetíveis à similaridade de sons, embora a semelhança não precise necessariamente ser completa*”.⁶⁴

Freud lembra o feminino e a idéia *Pássaros miraculados* (ou *pássaros falantes*) se referir a moças. A frase ‘diacho de sujeito!’, consistiria uma alusão ao triunfo do jovem que conseguiu impressionar a moça. E Schreber parece confirmar segundo Freud.

Schreber confirma esta interpretação: ‘Para fins de distinção, de brincadeira dei nomes de moças a grande número das almas-pássaros restantes, visto que, por sua curiosidade, inclinação voluptuosa etc., elas, unânime e mui prontamente, sugerem uma comparação com menininhas. Alguns desse nomes de moças foram, desde então, adotados pelos raios de Deus e mantidos como designação das almas-pássaros em apreço.’ (214.) Essa fácil interpretação dos ‘pássaros miraculados’ fornece-nos uma sugestão que pode auxiliar-nos no sentido de compreender as enigmáticas ‘ante-salas do Céu’.⁶⁵

Inicialmente o caso Schreber assumia a forma de delírios de perseguição chegando a seu auge na reconciliação. A emasculação flui assim em consonância a Ordem das Coisas. “*Mas o primeiro autor de todos esses atos de perseguição foi Flechsig e permaneceu sendo seu instigador durante todo o curso da doença*”⁶⁶

Chemama (2007) destaca na leitura das *Memórias* que Schreber lembra um acontecimento de que “*antes de sua primeira hospitalização na clínica universitária de Leipzig, dirigida pelo professor Flechsig, ele já havia encontrado, em 1885, esse eminente médico, que o havia curado de sua insônia e com o qual ele tinha ficado favoravelmente impressionado*”.⁶⁷ (Paul Emil Flechsig diretor da Universidade de Leipzig, e uma das maiores autoridades em Neurologia e Psiquiatria da época).

⁶⁴ Freud, 1911, p. 46.

⁶⁵ *Idem, ibidem.*

⁶⁶ Freud, 1911, p. 48.

⁶⁷ Chemama & Vandermerch, 2007, p. 339.



Flechsig em seu gabinete⁶⁸

Flechsig, segundo o paciente, cometeu ou tentou cometer ‘assassinato de alma’ contra ele — ato que, pensava, era comparável aos esforços feitos pelo Diabo ou por demônios para tomar posse de uma alma, e que pode ter tido seu protótipo em acontecimentos ocorridos entre membros das famílias Flechsig e Schreber há muito falecidos.⁶⁹

Os delírios de Schreber afetaram sua relação com Deus, mas não com Flechsig (ou melhor, a alma dele) seu único inimigo e visto por Deus como seu aliado. Schreber agora pensava que o Próprio Deus seria cúmplice, instigador, da trama contra ele.

A alma de Flechsig continuou a representar esse papel mesmo após o paciente ser removido da clínica de Leipzig para o asilo do Dr. Pierson. A influência do novo ambiente foi demonstrada pelo fato de a alma de Flechsig reunir-se à alma do assistente-chefe, a quem o paciente reconheceu como uma pessoa que anteriormente morara no mesmo bloco de apartamentos que ele próprio. Esta foi descrita como sendo a alma de von W. A alma de Flechsig introduziu então o sistema de ‘divisão de almas’, que assumiu grandes proporções. Em determinada época, chegou a haver de 40 a 60 subdivisões da alma de Flechsig; duas de suas divisões maiores eram conhecidas como o ‘Flechsig superior’ e o ‘Flechsig médio’. A alma de von W. (o assistente-chefe) comportava-se exatamente da mesma maneira. (111.) Era, às vezes, muito divertido observar a maneira pela qual essas duas almas, apesar de sua aliança, levavam adiante uma rixa mútua, com o orgulho aristocrático de uma oposto à vaidade professoral da outra. (113.) No decorrer de suas primeiras semanas em Sonnestein (para onde foi finalmente removido no verão de 1894), a alma de seu novo médico, Dr. Weber, entrou em jogo; e pouco após ocorreu, no desenvolvimento de seus delírios, a reviravolta que viemos a conhecer com sua ‘reconciliação’.⁷⁰

Durante a segunda internação em Sonnestein (1894-1902) Deus começou a considerá-lo melhor, se ateve então as almas, que se multiplicaram até a se tornarem um incomodo.

Sobre a alma Flechsig, Schreber escreve nas primeiras páginas das *Memórias*, que tudo o que, se acha vinculado ao seu nome (Flechsig) refere-se somente à “alma Flechsig”, distinta do “homem vivo”. Schreber distingue a ‘alma Flechsig’ do homem vivo de mesmo nome, o Flechsig de seus delírios, do Flechsig real. A alma de Flechsig conservou importância isso fica claro na Carta aberta a Flechsig. Como escreve Freud sobre a relação do paciente com seu médico:

⁶⁸ Nederland, 1974, p.119.

⁶⁹ Freud, 1911, p. 48.

⁷⁰ *Idem*, p. 49.

O estudo de vários casos de delírios de perseguição levou-me, bem como a outros pesquisadores, à opinião de que a relação entre o paciente e o seu perseguidor pode ser reduzida a fórmula simples. Parece que a pessoa a quem o delírio atribui tanto poder e influência, a cujas mãos todos os fios da conspiração convergem, é, se claramente nomeada, idêntica a alguém que desempenhou papel igualmente importante na vida emocional do paciente antes de sua enfermidade, ou facilmente reconhecível como substituto dela. A intensidade da emoção é projetada sob a forma de poder externo, enquanto sua qualidade é transformada no oposto. A pessoa agora odiada e temida, por ser um perseguidor, foi, noutra época, amada e honrada. O principal propósito da perseguição asseverada pelo delírio do paciente é justificar a modificação em sua atitude emocional.⁷¹

Freud analisa as relações anteriores de Schreber, seu médico, Flechsig e o perseguidor. Diz que se sabe do episódio de hipocondria (1884-85), e diz não ter ultrapassado os limites de uma neurose. Flechsig foi seu médico. Schreber permaneceu internado seis meses. Sente gratidão a Flechsig, atribui a sua cura ao papel dele, expressando sentimentos cordiais para com ele, mas nada além disso, e até então se sentia bem com a esposa. “*A gratidão de minha esposa foi talvez ainda mais sincera, pois reverenciava o Professor Flechsig como o homem que lhe havia restituído o marido; daí ter ela, durante anos, mantido o retrato dele sobre a escrivaninha. (36.)*”.

72

Freud diz que no caso da primeira doença, não pode, por falta de um histórico, conseguir uma compreensão interna (*insight*) da sua causa. Mas seu conhecimento é indispensável para a compreensão da segunda doença.

Durante o período de incubação de sua doença, como sabemos (isto é, entre junho de 1893, quando foi nomeado para novo posto, e o outubro seguinte, quando assumiu seus encargos), ele sonhou repetidamente que seu antigo distúrbio nervoso havia retornado. Além disso, certa vez, quando se achava semi-adormecido, teve a impressão de que, afinal de contas, deveria ser bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula.⁷³

Freud aponta que os *sonhos* e a *fantasia* que são comunicados por Schreber em sucessão imediata, levando a crer, que uma recordação de seu médico foi despertada e que a atitude feminina que assumiu nessa fantasia foi, desde o início, dirigida para o Flechsig. Essa dependência afetiva de Flechsig, por alguma razão desconhecida, havia aumentado até a uma intensidade de um desejo erótico. Freud aponta o mecanismo dessa fantasia:

Essa fantasia feminina, que se havia conservado impessoal, defrontou-se imediatamente com um repúdio indignado — um verdadeiro ‘protesto

⁷¹ Freud, 1911, p. 50.

⁷² *Idem*, p. 51.

⁷³ *Idem, ibidem*.

masculino', para utilizar a expressão de Adler, mas num sentido diferente do seu. Na aguda psicose que irrompeu logo após, porém, a fantasia feminina venceu todas as dificuldades; e só é preciso ligeira correção da imprecisão paranóica característica do modo de expressão de Schreber, para permitir-nos adivinhar o fato de que o paciente temia um abuso sexual das mãos do próprio médico. A causa ativadora de sua doença, então, foi uma manifestação de libido homossexual; o objeto desta libido foi provavelmente, desde o início, o médico, Flechsig, e suas lutas contra o impulso libidinal produziram o conflito que deu origem aos sintomas.⁷⁴ (grifo nosso).

Freud comenta se seria irresponsabilidade acusar ex-*Senatspräsident* Schreber de homossexualismo. Justifica-se dizendo que Schreber escreve para todos nas *Memórias* de sua "fantasia de ser transformado em mulher", assim ele próprio permite a análise de sua fantasia, e, traduzi-la para a terminologia técnica da medicina sem efetuamos qualquer acréscimo a seu conteúdo.

Portanto, "*o delírio de estar sendo transformado em mulher era uma idéia patológica*"⁷⁵. Freud busca o significado e a origem dessa idéia patológica. Diz que, ter a opinião de que a base da moléstia de Schreber foi a irrupção de um impulso homossexual. Destaca certa proteção contra essa questão pela esposa de Schreber. Porém, segundo Freud a razão dessa irrupção de libido homossexual, deve-se considerar um fator somático que pode ter sido relevante. Diz que na época dessa doença, o Dr. Schreber contava 51 anos e, idade esta de importância decisiva na vida sexual.

Falando de modo geral, todo ser humano oscila, ao longo da vida, entre sentimentos heterossexuais e homossexuais e qualquer frustração ou desapontamento numa das direções pode impulsioná-lo para outra...
... É um período no qual, nas mulheres, a função sexual, após uma fase de atividade intensificada, ingressa num processo de involução de grandes conseqüências; tampouco os homens parecem estar isentos de sua influência, pois tanto eles quanto as mulheres estão sujeitos a um 'climatério' e às suscetibilidades a doença que o acompanham.⁷⁶

Também aponta o fenômeno da transferência como fator:

O sentimento amistoso do paciente para com o médico bem se pode ter devido a um processo de 'transferência', por meio do qual uma catexia emocional se transpôs de alguma pessoa que lhe era importante para o médico que, na realidade, era-lhe indiferente; de maneira que o último terá sido escolhido como representante ou substituto de alguém muito mais chegado ao paciente. Para colocar o assunto de forma mais concreta: o paciente lembrou-se de seu irmão ou de seu pai ante a figura do médico; redescobriu-os nele; então, não causará espanto que, em certas circunstâncias, um anseio pela figura substituta reaparecesse nele e operasse com uma violência que só pode ser explicada à luz de sua origem e significação primária.⁷⁷

⁷⁴ Freud, 1911, p. 52.

⁷⁵ *Idem*, p. 52.

⁷⁶ *Idem*, p. 55.

⁷⁷ *Idem*, p. 56.

Segundo Freud, a causa ativadora da doença foi o aparecimento de uma fantasia feminina (isto é, homossexual passiva) de desejo, que tomou por objeto a figura do médico.

Toma forma em Schreber então um *delírio de perseguição*, em conseqüência da resistência a esta fantasia homossexual. Aponta Freud que “*a pessoa por que agora ansiava tornou-se seu perseguidor, e a essência da fantasia de desejo tornou-se a essência da perseguição*”.⁷⁸

Uma das modificações apontadas por Freud no delírio de perseguição foi à substituição de Flechsig pela figura superior de Deus. Parece uma intensificação da perseguição, mas essa mudança preparava o caminho para a segunda mudança, e, com esta, a solução do conflito. Submeter-se como uma devassa fornecendo sensações voluptuosas às exigências de Deus não provocavam resistência por parte do ego de Schreber, como seria com Flechsig.

A emasculação, agora, não era mais uma calamidade; tornava-se ‘consonante com a Ordem das Coisas’, assumia seu lugar numa grande cadeia cósmica de eventos e servia de instrumento para a recriação da humanidade, após a extinção desta. ‘Uma nova raça de homens, nascida do espírito de Schreber’, assim pensava ele, reverenciaria como ancestral esse homem que se acreditava vítima de perseguição.⁷⁹

A realização de desejo assintótica

Com a emasculação como saída para a solução de conflito. “*Seu ego encontrava satisfação na megalomania, enquanto que sua fantasia feminina de desejo avançava e tornava-se aceitável*”⁸⁰. Assim aponta Freud que a luta e a doença podiam cessar.

O senso de realidade do paciente, contudo, que nesse meio tempo tornara-se mais forte, compelia-o a adiar a solução do presente para o futuro remoto, e a contentar-se com o que poderia ser descrito como uma realização de desejo assintótica. A qualquer momento, previa ele, sua transformação em mulher ocorreria; até então, a personalidade do Dr. Schreber permaneceria indestrutível.⁸¹

Freud se pergunta de que modo se deu a ascensão de Flechsig a Deus? Como esclarecer a transformação do delírio? De que fonte se originou a megalomania que fez aceitar a fantasia de desejo que tivera reprimida? Diz que, nas *Memórias*, na mente do paciente, ‘Flechsig’ e ‘Deus’ pertenciam à mesma classe.

⁷⁸ Freud, 1911, p. 56.

⁷⁹ *Idem*, p. 57.

⁸⁰ *Idem, ibidem*.

⁸¹ *Idem, ibidem*.

As ilusões presentes no delírio de Schreber se apresentam, cindidas, ou seja, nas ilusões como um todo o perseguidor se acha dividido em Flechsig e Deus, e cada um deles do mesmo modo, cinde-se em duas personalidades, o ‘superior’ e o ‘médio’ Flechsig, e Deus, em Deus ‘inferior’ e ‘superior’. Nos estágios mais avançados do quadro da doença, a decomposição de Flechsig se amplia.

Um processo de decomposição desse tipo é muito característico da paranóia. A paranóia decompõe, tal como a histeria condensa. Ou antes, a paranóia reduz novamente a seus elementos os produtos das condensações e identificações realizadas no inconsciente.⁸²

Freud atribui a Jung a idéia da decomposição das personalidades como expressão da importância dessas figuras na vida do paciente - *“Toda essa divisão de Flechsig e Deus em certo número de pessoas possuía assim o mesmo significado que a divisão do perseguidor em Flechsig e Deus. Todas eram duplicações do mesmo importante relacionamento”*.⁸³

Freud prossegue chamando a atenção para a decomposição do perseguidor em dois: Flechsig e Deus. Uma reação paranóide devido uma identificação de duas figuras de mesma classe. *“Se o perseguidor Flechsig fora originalmente uma pessoa a quem Schreber amara, então também Deus deveria ser simplesmente o reaparecimento de alguém mais que ele amara, e, provavelmente, alguém de maior importância”*.⁸⁴

Freud conclui, a partir do enunciado, que esta outra pessoa deve ter sido seu Pai, e isso implica que Flechsig deve ter representado o Irmão. Ainda a fantasia feminina, tem sua raiz num anseio, pelo Pai e pelo Irmão. Esse sentimento passou por um processo de transferência, para Flechsig, e quando foi endereçado novamente ao Pai, chegou-se a uma estabilização do conflito.

Freud introduz o Pai de Schreber em seus delírios. Lembra que o Deus de Schreber e suas relações eram caóticos, mas devotadas. Deus, segundo Schreber, se influenciou por Flechsig, era incapaz de aprender com a experiência e não entendia os homens vivos, porque sabia lidar com cadáveres, e mostrava seu poder em milagres. Freud relaciona isso à figura do Pai de Schreber, médico reconhecido⁸⁵.

⁸² Freud, 1911, p. 58.

⁸³ *Idem, Ibidem.*

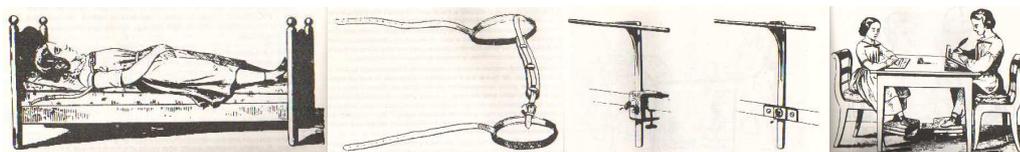
⁸⁴ *Idem, p. 59.*

⁸⁵ Ora, o pai do *Senatspräsident* Dr. Schreber não era pessoa insignificante. Era o Dr. Daniel Gottlob Moritz Schreber, cuja memória é mantida viva até os dias de hoje pelas numerosas Associações Schreber que florescem especialmente na Saxônia; e, além disso, era *médico*. Suas atividades em favor da promoção da criação harmoniosa dos jovens, de assegurar uma coordenação entre a educação no lar e na

Sobre o pai de Schreber destaca Chemama (2007) no verbete Schreber (Daniel Paul Schreber):

Seu pai, médico reconhecido, teve uma intensa atividade profissional como diretor de uma clínica ortopédica para crianças, clínica com reputação graças aos novos métodos terapêuticos que ele introduz, nos quais a massagem e a exposição ao sol desempenham um papel essencial. Autor de inúmeros livros de grande sucesso, ele expõe, em *Gymnastique Du chambre* – traduzidos em muitas línguas e reeditado diversas vezes –, seus princípios pedagógicos, cuja finalidade é reformar pela cultura física o homem e a sociedade, eliminando toda a degradação física e moral. Promotor de ginástica ao ar livre – inúmeros jardins da infância levam seu nome na Alemanha, *Schreber Gärten* –, Daniel Gottlieb Schreber, como pai, médico, educador e guia de vida, deixa poucos recursos à criança, uma vez introduzida nessa pedagogia totalitária.⁸⁶

Abaixo figuras do livro do pai de Schreber:



Figuras do livro do pai de Schreber⁸⁷

Portanto, segundo Freud, um Pai que potencializa as chances de que, num delírio seja pensada sua transfiguração em Deus. E também explica as características mais notáveis de seu Deus e aquelas sobre as quais se demora, de maneira tão crítica.

Estamos perfeitamente familiarizados com a atitude infantil dos meninos para com o pai; ela se compõe da mesma mistura de submissão reverente e insubordinação amotinada que encontramos na relação de Schreber com o seu Deus, e é o protótipo inequívoco dessa relação, fielmente copiada dela.⁸⁸

Freud iguala médico a Deus. Diz que, assim como Deus, os médicos, realiza milagres e lidam com homens vivos e cadáveres. No material fornecido por Schreber os milagres mostram absurdos e ridículos.⁸⁹

Com referência a algumas das outras censuras que ele dirige contra Deus, tais como, por exemplo, a de que nada aprendeu pela experiência, é natural supor que constituem exemplos do mecanismo *tu quoque* empregado pelas crianças, que, quando recebem uma reprovação, dirigem-na de volta, inalterada, à pessoa que a originou.⁹⁰

escola, de introduzir a cultura física e o trabalho manual com vistas a elevar os padrões de saúde, tudo isto exerceu influência duradoura sobre seus contemporâneos. Sua grande reputação como fundador da ginástica terapêutica na Alemanha é ainda comprovada pela ampla circulação de seus *Ärztliche Zimmergymnastik* nos círculos médicos e pelas numerosas edições que teve.

⁸⁶ Chemama & Vandermersch, 2007, p. 339.

⁸⁷ Niederland, 1974, p.68-71.

⁸⁸ Freud, 1911, p. 60.

⁸⁹ *Idem*, p. 61. Lembramo-nos da asserção feita em *A Interpretação de Sonhos*, de que o absurdo nos sonhos expressa ridículo e derrisão. Evidentemente, portanto, ele é utilizado com os mesmos propósitos na paranóia.

⁹⁰ Freud, 1911, p.61.

Semelhantemente, as vozes dão-nos fundamentos para suspeitar que a acusação de assassinato de alma levantada contra Flechsig foi, desde o início, uma auto-acusação.

A partir das descobertas sobre o pai de Schreber Freud pode auxiliar e a explicar as vicissitudes do Deus de Schreber, Freud lança uma interpretação do que chama de “a extraordinária estrutura desse Ser” (Deus de Schreber)

O mundo celestial de Schreber como ele o define “*domínios anteriores de Deus, também chamados de ‘ante-salas do Céu’ e que continham as almas dos mortos, e de deus ‘inferior’ e Deus ‘superior’ que, juntos, constituíam os ‘domínios posteriores de Deus’.* (19.)”⁹¹. Freud aponta nessa definição uma condensação que não poderemos solucionar por falta de fios associativos, mas supõe que, se os pássaros ‘miraculados’ ‘falantes’, referem-se a “moças”, seriam os domínios anteriores de Deus e as ante-salas do Céu; supõe isso como símbolo do feminino. E que os domínios posteriores de Deus, correspondem ao símbolo masculino. Também supõe que se tivesse certeza (hoje temos esta certeza Freud; estava certo) de que se o irmão morto de Schreber fosse mais velho poderíamos supor sua decomposição de Deus inferior e Deus superior, como expressão da recordação do paciente do irmão mais velho que ocupara o lugar do Pai morto quando Daniel Paul Schreber apenas tinha 17 anos.

Freud então destaca o tema do *Sol*, que através de seus ‘raios’, assume importância na expressão dos delírios e que Schreber sustenta uma relação bastante característica com o Sol. “*Este lhe fala em linguagem humana, e assim se lhe revela como um ser humano, ou como o órgão de um ser superior, que está por trás dele.* (9.)”⁹².

Segundo Freud Schreber auxilia na interpretação deste seu mito solar, quando ele identifica o Sol diretamente com Deus “*O Sol*”⁹³, por conseguinte, nada mais é que outro símbolo sublimado do pai, e, salientando isto, devo declinar de toda responsabilidade pela monotonia das soluções fornecidas pela psicanálise”⁹⁴.

⁹¹ Freud, 1911, 61.

⁹² *Idem*, p. 62.

⁹³ Neste caso, o simbolismo ignora o gênero gramatical, pelo menos no que concerne ao alemão, pois na maioria das outras línguas o Sol é masculino. Seu correspondente neste quadro dos dois pais é a ‘Terra Mãe’, como é geralmente chamada. Freud (1911) p.63.

⁹⁴ Freud, 1911, p. 62.

Aparece em um relatório médico, que Schreber costumava berrar com o Sol ameaças e insultos, ou agradá-lo berrando com ele. Costumava exclamar: “*O Sol é uma prostituta*”⁹⁵.

Freud desenvolve a partir do histórico de Schreber a idéia de que “*Enquanto o pai estava vivo, revelou-se em rebeldia indomável e franca discórdia, mas, imediatamente após sua morte, assumiu a forma de uma neurose baseada em submissão abjeta e obediência tardia para com ele*”.⁹⁶

Assim, no caso de Schreber, mais uma vez encontramos no terreno familiar do complexo paterno. A luta do paciente com Flechsig revelou-se a ele como um conflito com Deus, e temos, portanto de explicá-la como um conflito infantil com o pai que amava; os pormenores desse conflito (sobre o qual nada sabemos) foram o que determinou o conteúdo de seus delírios.⁹⁷

Freud destaca que “*a ‘fantasia feminina de desejo’ de Schreber é simplesmente uma das formas típicas assumidas pelo complexo nuclear infantil*”.⁹⁸

A luta de Schreber com Flechsig para Freud revelou-se à Schreber como um conflito com Deus (conflito infantil com o pai que amava). Explica que em experiências infantis, o pai interfere com a satisfação (de caráter auto-erótico) que a criança está tentando obter; e que posteriormente, é substituída na fantasia por alguma outra satisfação.

O delírio de Schreber obtém num estágio avançado êxito do impulso infantil, onde “*a voluptuosidade tornou-se temente a Deus e o Próprio Deus (o pai) nunca se cansava de exigí-la dele*”.

Freud aponta que ameaça paterna mais temida, a castração, forneceu o material para sua fantasia de desejo (a princípio combatida, mas depois aceita) de ser transformado em mulher. “*As vozes diziam, como se fornecendo fundamentos para a ameaça de castração: ‘Pois você deve ser representado como sendo dado a excessos voluptuosos.’ (127-8.)*”⁹⁹.

Neste aspecto sobre a “*língua básica*” em nota de rodapé Freud aponta:

Os sistemas de ‘representar’ [128 n.] e de ‘anotar’ (126), associados às ‘almas provadas’, reportam-se às experiências dos dias escolares do paciente. [O processo de purificação de almas após a morte era conhecido na ‘língua básica’ como ‘*Priifung*’. Esta é a palavra alemã comum para designar ‘exame escolar’, mas é também empregada para ‘testar’ ou ‘provar’ em geral. As

⁹⁵ Freud, 1911, p. 62. Nota de rodapé.

⁹⁶ *Idem*, p. 63.

⁹⁷ Freud, 1911, 63-4.

⁹⁸ Freud, 1911, p. 63. Nota de rodapé.

⁹⁹ *Idem*, p. 64.

almas que ainda não haviam sido purificadas eram chamadas, não, como se poderia esperar, de ‘não provadas’, mas, de acordo com a tendência da ‘língua básica’ de fazer uso de eufemismos, ‘provadas’. ‘Representar’ era, semelhantemente, termo que significava ‘mal representar’. Outro exemplo de seu emprego será encontrado em [3]. Pelo sistema de ‘anotar’, todos os pensamentos e ações de Schreber, e tudo relacionado com ele, eram registrados, ano após ano, em cadernos de notas, por seres mentecaptos, provavelmente situados em remotos corpos celestes.]¹⁰⁰

Schreber apresenta um pensamento forçado onde supunha que Deus acreditaria que ele havia se tornado um idiota e se afastaria dele se deixasse de pensar apenas por um só momento. Como uma reação à ameaça ou temor de perder a razão por entregar-se à masturbação. Freud aponta que, pela quantidade de idéias com natureza hipocondríaca e os compara aos temores hipocondríacos dos masturbadores “*Por essa razão, tentaram bombear para fora minha medula espinhal. Isso foi feito por meio dos chamados “homenzinhos”, que se achavam colocados em meus pés*”.¹⁰¹

Sobre esses “homenzinhos” costumava haver dois; um “pequeno Flechsig” e um “pequeno von W.” e também costumava escutar suas vozes a seus pés. Schreber supunha que Von W. o havia acusado de masturbação.

Os “homenzinhos” são descritos pelo próprio Schreber como se achando entre os mais notáveis e, sob certos aspectos, mais enigmáticos fenômenos de sua doença. É como se fossem o produto de uma condensação de crianças e espermatozoides.¹⁰²

Freud diz que nenhuma *teoria da paranóia* é fidedigna se não levar em conta os sintomas hipocondríacos que este quadro “distúrbio” constantemente acompanha. Freud destaca que: *a hipocondria está, para a paranóia, do mesmo modo, que a neurose de angústia está para a histeria*.¹⁰³

Finalmente Freud comenta que: “*devemos necessariamente contentar-nos com este enevado esboço do material infantil que foi utilizado pelo distúrbio paranóico ao retratar o conflito atual*”.¹⁰⁴

Freud continua e acrescenta alguns comentários para estabelecer as causas do conflito que irrompeu em relação à fantasia feminina de desejo:

Como sabemos, quando uma fantasia feminina de desejo aparece, nossa tarefa é associá-la com alguma frustração, alguma privação na vida real. Ora, Schreber admite haver sofrido privação deste tipo. Seu casamento, que descreve como feliz, sob outros aspectos, não lhe deu filhos; e, em particular,

¹⁰⁰ Freud, 1911, p. 64. nota de rodapé.

¹⁰¹ Freud, 1911, p. 65.

¹⁰² *Idem, ibidem.*

¹⁰³ *Idem, ibidem.*

¹⁰⁴ *Idem, ibidem.*

não lhe trouxe filho homem que poderia tê-lo consolado da perda do pai e do irmão e sobre quem poderia ter drenado suas afeições homossexuais insatisfeitas.¹⁰⁵

Aponta também em relação ao seu casamento o contínuo sentimento de frustração presente da esperança de serem abençoados com filhos.

Sobre a nova raça de Homens, Schreber, no seu delírio parece sentir orgulho de seu nascimento e linhagem *‘tanto os Flechsigs quanto os Schreibers eram membros da “mais alta nobreza do Céu”*.

E Freud conclui:

O Dr. Schreber pode ter formado uma fantasia de que, se fosse mulher, trataria o assunto de ter filhos com mais sucesso; e pode ter assim retornado à atitude feminina em relação ao pai que apresentaria nos primeiros anos de sua infância. Se assim fosse, então o delírio de que, por causa de sua emasculação, o mundo se povoaria de ‘uma nova raça de homens nascidos no espírito de Schreber’ (288) — delírio cuja realização continuamente adia para um futuro cada vez mais remoto — teria também a intenção de oferecer-lhe uma saída para sua falta de filhos. Se os ‘homenzinhos’ que o próprio Schreber acha tão enigmáticos fossem crianças, então não teríamos dificuldade em compreender por que se achavam reunidos em tão grande número em sua cabeça (158): eles eram, verdadeiramente, os ‘filhos de seu espírito’.¹⁰⁶

Sobre o mecanismo da paranóia Chemama (2007) escreve que a partir da tese do narcisismo, Freud funda o essencial de sua teoria: o delírio de perseguição, com efeito – aliás, assim como os delírios erotomaníacos e de ciúme -, seria sempre o resultado de uma projeção, que produz, a partir do enunciado de base homossexual: “Eu um homem, amo um homem”, primeiro sua negação: “Eu não o amo, eu o odeio”, depois a inversão das pessoas: “Ele me odeia”. Na projeção o que deveria ser sentido interiormente com amor é percebido, vindo do exterior, como ódio, e o sujeito pode evitar assim o perigo no qual o colocaria a irrupção, em sua consciência, de seus desejos homossexuais. Perigo considerável, devido à fixação desses doentes na fase do narcisismo, o que faria da ameaça de castração uma ameaça vital de destruição do eu. O delírio surge, pois, como um meio para o paranóico assegurar a coesão de seu eu, ao mesmo tempo em que reconstrói o universo.¹⁰⁷ Ou seja, a projeção é uma operação pela qual um sujeito situa no mundo exterior, mas sem identificá-los como tais, pensamentos, afetos, concepções, desejos seus etc., acreditando, por isso, em sua existência exterior, objetiva, como um aspecto do mundo. Em um sentido mais estrito, a projeção constitui uma operação pela

¹⁰⁵ Freud, 1911, p. 65-6.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 66.

¹⁰⁷ Chemama & Vandermersch, 2007, p. 289.

qual um sujeito rejeita para fora e localiza em outra pessoa uma pulsão que ele não pode aceitar em si, o que lhe permite ignorá-la. A projeção, de maneira diferente da introjeção, é uma operação essencialmente imaginária.

Em outro estudo “*Uma neurose demoníaca do século XVII (1923[1922])*” ao escrever sobre as observações feitas pela psicanálise sobre a vida mental das crianças, Freud cita um exemplo, num adulto normal, quanto à atitude feminina de um menino para com o pai e a fantasia de gravidez que dela surge.

..por volta da idade de 50 anos, o Senatspräsident ficou firmemente convencido de que Deus — ele, incidentalmente, apresentava traços distintos de seu pai, o digno médico Dr. Schreber — decidira emasculá-lo, utilizá-lo como mulher e engendrar nele ‘uma nova raça de homens, nascidos do espírito de Schreber.’ (Seu próprio matrimônio era sem filhos.) Em sua revolta contra essa intenção de Deus, que lhe parecia altamente injusta e ‘contrária à Ordem das Coisas’, caiu enfermo com sintomas de paranóia, os quais, entretanto, experimentaram um processo de involução no decorrer dos anos, deixando atrás de si apenas um pequeno resíduo. O dotado autor de seu próprio caso clínico não poderia ter adivinhado que, nele, revelara um fator patogênico típico.¹⁰⁸

Mais a frente no mesmo texto Freud escreve sobre a estabilização da paranóia:

O Senatspräsident Schreber encontrou o caminho da cura quando decidiu abandonar sua resistência à castração e acomodar-se ao papel feminino que lhe fora estabelecido por Deus. Passado isso, ficou lúcido e calmo, foi capaz de levar a cabo sua própria alta do asilo e levou uma vida normal — com a única exceção de dedicar algumas horas de cada dia ao cultivo de sua própria feminilidade, de cujo avanço gradual no sentido do objetivo determinado por Deus permaneceu convencido.¹⁰⁹

No *delírio* de Schreber é como se tudo girasse em torno da idéia que sentia que tinha a missão de redimir o mundo e reconduzi-lo a seu estado de bem-aventurança. Tal missão deveria ser precedida da destruição do mundo e pela transformação de sua pessoa em mulher. Já transformado em mulher, Schreber seria a companheira de Deus, e desta união surgiria uma raça melhor e mais saudável de homens.

Chemama (2007) aponta que no *delírio*, Schreber acreditava ter sido convocado para a salvação do mundo: “*isso sob uma incitação divina, que lhe era transmitida pela linguagem dos nervos, e em uma língua particular, chamada língua fundamental (alem.: Grundsprache)*”.¹¹⁰ E para que isso se realiza-se seria preciso que se transformasse em mulher.

¹⁰⁸ Freud, (1923[1922]), p. 106-07.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 108.

¹¹⁰ *Idem*, p. 288.

Freud compreende que Schreber apaixonou-se por Flechsig, supondo que este ocuparia o lugar do pai e espera ser reconhecido por isso. O saber pedagógico do pai de Schreber e o saber neurológico de Flechsig confluem. Aparece o mecanismo de projeção característico na paranóia.

Portanto, Freud na análise do “*Caso Schreber*” (1911) aponta o terreno familiar do “complexo paterno”, nas relações de Schreber com Deus. Reconhece nesse personagem divino o “símbolo sublimado” do pai de Schreber, médico eminente, fundador de uma escola de ginástica terapêutica, “*como qualquer outra criança Schreber estabelece uma relação de veneração e de insubordinação*”¹¹¹. Também indica na subdivisão entre um Deus superior e um Deus inferior, os personagens do pai e do irmão mais velho. Considera como da essência da paranóia em Schreber, seu delírio de perseguição, construído para se defender do fantasma do desejo homossexual, que segundo ele, exprimiria a feminilização exigida por sua missão divina. “*E esse fantasma, presente na evolução normal do menino, só teria se tornado causa da psicose porque haveria na paranóia, um ponto de fragilidade que se encontraria em algum lugar das fases do auto-erotismo, do narcisismo e da homossexualidade*”.¹¹²

A seguir a descrição da teoria lacaniana da constituição do sujeito e alguns de seus conceitos.

¹¹¹ Chemama & Vandermersch, 2007, p. 288.

¹¹² *Idem, Ibidem.*

Capítulo III - A teoria lacaniana da constituição do sujeito

Em psicanálise sempre nos questionamos como se constitui um novo sujeito. Para responder essa questão foi necessário a psicanálise conceber e desenvolver ferramentas teóricas (conceitos operativos) rigorosos para não negligenciar a postura ética que fundamenta essa práxis.

Entendemos Lacan como o principal continuador e representante após Freud no desenvolvimento e fundamentação da teoria da “*constituição do sujeito*”. A partir da lingüística de Saussure, Benveniste, Jakobson e da noção de estrutura de Lévi Strauss, ele irá descrever o advento do “eu” a partir da linguagem. Nesse caminho, à luz do estruturalismo, Lacan empreende um retorno a Freud. Mas antes de iniciarmos a descrição da teoria lacaniana da constituição do sujeito é necessário entender alguns dos conceitos psicanalíticos aí implicados.

O “*ideal cientificista*” de Lacan o fez buscar outros recursos além daqueles comumente utilizados no início de seu ensino. Freud recorreu a recursos da teoria darwiniana da evolução. E Lacan busca na matemática, topologia, lógica filosófica e matemática, a teoria dos nós, a lingüística etc., imprimir o rigor necessário à transmissão da psicanálise e a fundamentação desta enquanto uma ciência. Uma ciência não pautada no positivismo lógico, mas uma ciência que implica o sujeito que faz ciência enquanto detentor de um saber absoluto, de uma verdade absoluta (lembramos que para Lacan a verdade é não-toda – não poderia ser toda enunciada). Assim, Lacan no anseio de uma formalização da psicanálise faz uso desde o início de seu ensino da topologia que pode ser definida como a ciência dos lugares. Como percebemos em seus esquemas L, esquema R, esquema I, Grafos etc. (mais adiante abordados). Mais tarde em sua obra, ao propor as “*fórmulas da sexualização*”, inclui a lógica chamada paraconsistente, desenvolvida por um brasileiro, Newton da Costa. Nas palavras de Lacan: “*A psicanálise é uma lógica e, inversamente, pode-se dizer que a lógica tem muito a esclarecer-se com certas questões radicais que são colocadas na psicanálise*”.¹¹³

Vallejo¹¹⁴ destaca essa crítica de Lacan ao “*positivismo lógico*” que busca o significado do significado, o sentido do sentido, em análises que procuram estabelecer

¹¹³ Lacan, (1964-1965), p. 158

¹¹⁴ Vallejo & Magalhães, 1979, p. 140.

permanentemente uma relação entre signo e significado, em correspondência biunívoca, na qual o próprio critério de verificação é o que confere significado à fórmula.

A noção de *signo* é básica para as ciências da linguagem. Afirma-se que todo signo remete a uma relação entre dois, mas identificando a significação como a relação. Por exemplo, o signo pai está ligado ao signo filho, mas o que pai designa é pai e não filho. Um dos primeiros a propor uma teoria do signo foi Santo Agostinho: “*um signo é uma coisa que, além da espécie ingerida pelos sentidos faz, por ela mesma, vir ao pensamento alguma outra coisa*”.

Mas coube a Ferdinand de Saussure (1857-1913), definir o significante como a representação psíquica do som, tal como nossos sentidos o percebem; por outro lado, o significado é o conceito que a ele corresponde. Ou melhor, é a imagem acústica que é associada a um significado numa língua, para formar o signo lingüístico. Para Saussure, essa imagem acústica não é o som material, ou seja, a palavra falada, mas sim a impressão psíquica desse som. Também para o lingüista a parte da linguagem que se manifesta como ato individual, por oposição a língua (que é social em sua essência e independente do indivíduo). Certos lingüistas substituem fala por discurso e referem-se à dicotomia língua/discurso (*parole*, palavra, dito, frase). Portanto, o significado é a idéia, o conteúdo; por outro lado, o significante é o som.



*O signo lingüístico em Saussure.*¹¹⁵

A língua em Saussure é descrita como um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta da presença simultânea de outros, como ilustra abaixo:



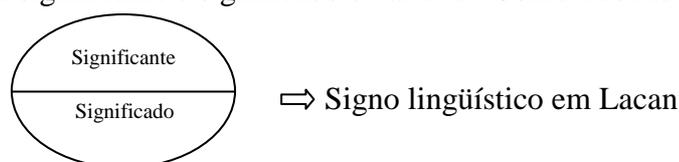
A releitura de Freud por Lacan visou conferir-lhe o rigor que Saussure havia imprimido ao estudo da lingüística. Uma noção importante desenvolvida por Saussure é a de estrutura da língua, referindo à antecedência e prevalência de seu caráter sincrônico (funcionamento) sobre o diacrônico (história de uma língua). Assim a língua é um

¹¹⁵ Saussure, (1916) p. 133.

¹¹⁶ *Idem, Ibidem.*

sistema simbólico de dupla entrada (significado/significante). Em sua estrutura a fonética (sons da fala), morfologia (constituição das palavras), sintaxe (elementos de uma frase) e semântica (significados) possuem autonomia em relação ao léxico (vocabulário). A história (diacronia) passa a tornar-se o aspecto mais superficial dos idiomas; em oposição, a estrutura da língua permaneceria imune a mudanças históricas devidas a acontecimentos externos.

Lacan a partir da lingüística propõe uma relação não fixa entre um significante e significado. Assim, a relação entre significante e significado é variável. Como ilustrado:



Lacan se fundamenta na noção de Jakobson de metáfora¹¹⁷ e metonímia¹¹⁸. Diz que a metáfora não é uma injeção de sentido, mas a criação de novo sentido. É na relação de um significante *S* com um significante *S'* que vem nova relação significante *S* sobre significado *s*. A partir dessa nova relação de significante a significante que vai permitir o engendramento de significação e a criação. Por outro lado, as leis que orientam a combinatoria de significantes são as leis da linguagem, os processos metafóricos e metonímicos.

$$\frac{S}{S'} \rightarrow \frac{S}{s}$$

Lacan aponta a função característica do significante, a existência de uma cadeia articulada, que tende a formar grupos fechados, composto de anéis que se prendem para formar cadeias, e estas se prendem a outras como anéis. Isso implica ligações do significante e este comporta duas dimensões: a combinação, continuidade, concatenação

¹¹⁷ *Metáfora*: designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p.ex., ele tem uma vontade de ferro, para designar uma vontade forte, como o ferro). (Houaiss – dicionário de língua portuguesa). Relação de substituição de um significante por outro.

¹¹⁸ *Metonímia*: primeiro figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contigüidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado (Não se trata de relação comparativa, como no caso da metáfora). A relação metonímica de tipo qualitativo (causa, efeito, esfera etc.): matéria por objeto: ouro por 'dinheiro'; pessoa por coisa; autor por obra: adora Portinari por 'a obra de Portinari'; divindade: esfera de suas funções; proprietário por propriedade: vamos hoje ao Venâncio por 'ao restaurante do Venâncio'; morador por morada; continente pelo conteúdo: bebeu uma garrafa de aguardente por 'a aguardente de uma garrafa'; consequência pela causa: respeite os meus cabelos brancos por 'a minha velhice'; a qualidade pelo qualificado: praticar a caridade por 'atos de caridade' etc. (Houaiss – dicionário de língua portuguesa).

da cadeia – e a da substituição, cujas possibilidades estão sempre implicadas em cada elemento da cadeia. Assim, em todo ato de linguagem, apesar a dimensão diacrônica ser fundamental, há também a sincronia implicada, pela possibilidade permanente de substituição que é inerente a cada um dos termos do significante. Assim, “*é na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer, da metáfora*”¹¹⁹.

Assim, a metáfora (substituição) e metonímia (combinação) vem ocupar um lugar equivalente aos processos de deslocamento e condensação:

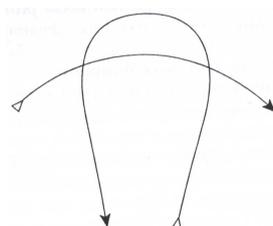
Na primeira fórmula, o S está ligado, na combinação da cadeia, ao S', tudo em relação a S'', o que leva a colocar S numa certa relação metonímica com s no nível da significação. Do mesmo modo, a substituição de S por S' em relação a S'' leva à relação S(+),s, que aqui indica – é mais fácil dizê-lo do que no caso da metonímia – o surgimento, a criação de sentido.¹²⁰

$$f(S \dots S') S'' \cong S (-) s$$

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S'' \cong S (+) s$$

Partindo do esquema proposto por Saussure sobre língua, onde há um deslizamento perpétuo do significante e do significado, Lacan forja a imagem da técnica do ponto de estofo, do ponto de basta.

Na imagem a seguir Lacan demonstra que na relação da cadeia significante com a cadeia significada inclui-se o ponto de basta. Há um deslizamento recíproco na cadeia simbólica e na corrente de significado.



Numa frase só compreendemos seu sentido no ponto final. É preciso dizer a última palavra para se compreender a primeira.

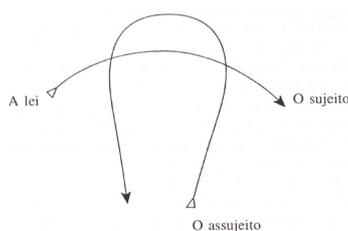
Lacan utiliza-se de expressões simbólicas, como símbolos algébricos, ao formalizar seu ensino. O símbolo (A) ou \bar{A} significa grande Outro, tesouro dos significantes, lugar do código, lugar que determina a fala daquele que convoca o outro (pequeno outro nossos semelhantes - pessoas). O símbolo $S(\bar{A})$ significa o significante da falta do grande Outro. S1 o significante mestre. O S2 o significante da cadeia,

¹¹⁹ Lacan, (1957-58), p. 34.

¹²⁰ *Idem*, p. 16.

conhecimento. O símbolo \bar{A} significa o grande Outro barrado- pela falta. O símbolo \bar{S} representa o sujeito barrado, o sujeito do inconsciente. Entre outros símbolos que serão utilizados a seguir.

Lacan afirma assim: “*não há sujeito se não houver significante que o funde*”¹²¹. A partir das “primeiras simbolizações” ou do par de significantes do *Fort-Da*, em que o primeiro sujeito é a mãe (simbolização primordial - jogo *Fort! Da!*¹²²). A criança como sujeito é onde se forma o desejo, de quem provém a demanda, para entendermos partimos da dialética do desejo.



Grafo do desejo: “*encontro com a linguagem*”

A criança nasce como *assujeito*, porque experimenta e se sente assujeitada ao capricho daquele de quem depende.

O que importa é a função na qual intervêm, o Nome-do-Pai, o único significante do pai, segundo, a fala articulada do pai, e terceiro, a lei, considerando que o pai está em relação mais ou menos íntima com ela. O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como Nome-do-Pai, estreitamente ligado a enunciação da lei, como todo o desenvolvimento da doutrina freudiana no-lo anuncia e promove. E é nisso que ele é ou não aceito pela criança como aquele que priva ou não priva a mãe do objeto de seu desejo.¹²³

Segundo Lacan é apenas depois do sujeito ter atravessado a ordem simbólica que sua intenção, ou seja, seu desejo já passado ao estado de demanda encontra seu objeto primordial “a mãe”. O desejo é, está, no mundo da fala, que submete o desejo de cada sujeito à lei do desejo do Outro. A demanda de cada um passa pela cadeia de significantes que está latente e é estruturante. Isso ocorre por ter já tido a primeira experiência que ele tem de sua relação com o Outro “mãe” em que já a simbolizou ligado ao *Fort-Da*. Assim, a partir dessa intenção ou demanda que atravessa a cadeia significante que pode impor-se ao objeto materno. A criança a partir da primeira

¹²¹ Lacan, (1957-58), p. 195.

¹²² O jogo de *Fort! Da!*: Evidenciado por Freud na origem do automatismo de repetição, torna manifesta simbolização primordial, inaugurando a cadeia de significantes. Essa cadeia se desenvolve segundo ligações lógicas cuja influência sobre o que há por significar, ou seja, o ser do ente, s exerce pelos efeitos de significante descritos por nós como metáfora e metonímia. Lacan (1957-58), p. 582.

¹²³ Lacan, (1957-58), p. 197.

simbolização constitui a mãe como sujeito e de certa forma essa constituição já contém uma antecipação da lei “a lei da mãe”. A mãe como ser falante já legitima a *lei da mãe*, mas é uma lei imprevisível dependente de alguma outra coisa, que já instituída como da ordem da lei, no sujeito que a sustenta, isto é, “*no bem-querer ou malquerer da mãe, na mãe boa ou má*”.¹²⁴

No seminário V Lacan fala da dialética da demanda satisfeita a partir do ego chamada ‘*momento simbólico ideal primordial*’ (traço de memória - significante), inaugura-se no momento da satisfação (da demanda) na simultaneidade da intenção, em sua for de mensagem efetiva ao Outro. Destaca-se o significante em sua cadeia significante destinada ao outro.

A identidade perfeita, a simultaneidade, a superposição exata entre a manifestação da intenção, uma vez que ela é a do ego, e o fato de o significante ser como tal ratificado no Outro acham-se no princípio da própria possibilidade da satisfação da fala. Se esse momento, que chamo de momento primordial ideal, existe, ele deve ser constituído pela simultaneidade, pela coextensividade exata do desejo, na medida em que ele se manifesta, e do significante, na medida em que ele o porta e comporta. Se esse momento existe, a seqüência, ou seja, o que sucede à mensagem, à sua passagem para o Outro, é ao mesmo tempo realizado no Outro e no sujeito, e corresponde ao que é necessário para que haja satisfação. Esse é, muito precisamente, o ponto de partida que convém para vocês compreenderem que isso nunca acontece.¹²⁵

O momento simbólico ideal primordial (M) é o momento em que o “*o desejo cruza a linha significante e, no nível de seu cruzamento com a linha significante, encontra o quê? Encontra o Outro*”¹²⁶. (tesouro dos significantes, sede do código) nesse encontro com o Outro se produz uma refração no desejo, uma “mudança” do desejo pelo significante “significação”. O desejo como significado difere-se de seu início, e agora pela cadeia de significantes introduz-se em uma a dialética do desejo.

A satisfação do desejo depende do que se desenrola em A (lugar do código) que marca o desejo, o modifica, ao nível do significante. Lacan diz que isso implica um mais além do código, aí existe a lei, proibições, existe o supereu etc. Neste nível mais radical, para se compreender o sujeito, diz Lacan: “*a partir do momento em que se fala com alguém, existe um Outro, um outro Outro em si, como sujeito do código, e que já nos encontramos submetidos à dialética de “corneação” do desejo*”¹²⁷. Portanto, tudo depende do que acontece em A (grande Outro), nessa passagem, assim, qualquer

¹²⁴ Lacan, (1957-58), p. 195.

¹²⁵ *Idem*, p. 154.

¹²⁶ *Idem, Ibidem*.

¹²⁷ *Idem*, p. 155.

satisfação do desejo humano vai depender da relação e harmonia com o sistema significante.

Por exemplo, Lacan, retoma os chistes ou “tiradas espirituosas”, que desenrola-se com metáforas; é esse o para além do significante, aquilo que:

Vocês estão vendo que a dimensão do Outro amplia-se um pouquinho aqui. Com efeito, ele já não é unicamente a sede do código, mas intervém como sujeito, ratificando uma mensagem no código e complicando-a. Ou seja, ele já está no nível daquele que constitui a lei como tal, uma vez que é capaz de lhe acrescentar esse traço, essa mensagem, como suplementar, isto é, como ela mesma designando o para-além da mensagem.¹²⁸

Nesse para-além é que se situa o verdadeiro desejo, isto é, aquilo que em função do significante não consegue ser significado.

Lacan destaca a palavra *Tu*¹²⁹ ao explicar o que acontece quando se dirige a outro. Chama isso de fala *plena*, fala como fundadora da história do sujeito. *Tu* é o significante do apelo ao Outro.

O espelho

Lacan introduz a concepção de “estágio do espelho” na formação do [eu] refere-se ao pronome da primeira pessoa do singular *Je* (sujeito do inconsciente) em francês diferencia de *moi* que é pronome oblíquo da primeira pessoa que não significa mim. Tanto *Je* como *moi* significam eu. Lacan observou que *Je* falava de *moi* como se *moi* fosse um outro.

Basta compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.¹³⁰

Philippe Julien (1993) indica o estágio espelho como uma grande contribuição de Lacan à psicanálise, ligando o eu à *imago*¹³¹. Neste trabalho Lacan diz que o eu se origina em todo ser humano neste estágio como constituição da imagem do próprio corpo. Segundo o autor Lacan observa em Freud que “o eu não é o sujeito do

¹²⁸ Lacan, (1957-58), p. 156.

¹²⁹ Pronome pessoal da segunda pessoa do singular, indicando aquele a quem se fala ou escreve; funciona como sujeito (p.ex., tu és bom) ou como predicativo (p.ex., o herói da pátria és tu).

¹³⁰ Lacan, 1949, p. 97.

¹³¹ *Imago*: matriz inconsciente das primeiras relações reais e fantasísticas com o meio familiar. Em Chemama (2007, p. 197), aparece como termo introduzido por C. G. Jung (1911), para designar uma representação tal como o pai (*imago paterna*) ou a mãe (*imago materna*), que se fixa no inconsciente do sujeito e orienta ulteriormente sua conduta e seu modo de apreensão de outrem.

conhecimento objetivo, mas um objeto libidinal dito narcísico". Isto é o que em Freud entende por narcisismo primário; Lacan compreende como o próprio nascimento do eu.

Porém, como veremos, explicando deste modo o narcisismo, questiona sua natureza segundo Freud: a criança não é um ser originalmente fechado sobre si mesmo, devendo em seguida, abrir-se, pouco a pouco, ao mundo exterior, saindo do narcisismo. De jeito nenhum! O narcisismo primário define um ser inteiramente entregue ao outro e submetido ao acontecimento. É ele ainda narcísico? Completamente, e é isto que mostra a fase do espelho.¹³²

Lacan, pelo estágio do espelho designando o fundamento do eu freudiano, subverte a natureza do narcisismo primário: não um dentro fechado sobre si, mas um fora constitutivo de um dentro, um alienação originante.¹³³

Segundo Joël Dor (1989), ao passar pelo estágio do espelho, o *infans*¹³⁴, num primeiro momento, perceberia *"a imagem de seu corpo como a de um ser real de quem ela procura se aproximar ou apreender"*¹³⁵, o que evidenciaria o ingresso do *infans* no registro do imaginário. Em um segundo momento, *"a criança é sub-repticiamente levada a descobrir que outro no espelho não é um outro real, mas uma imagem"*¹³⁶, levando-a a distinguir entre a imagem do outro e a realidade do outro. Já no terceiro momento, no qual o *infans* reconhece a sua própria imagem no espelho, *"a criança recupera assim a dispersão do corpo esfacelado numa totalidade unificada, que é a representação do corpo próprio"*¹³⁷.

O espelho é um processo de extrema importância para a estruturação do Eu, uma vez que é através das identificações do *infans* com a imagem do seu corpo, sustentada pela dimensão imaginária, que há uma identificação primordial e que simboliza a "pré-formação" do Eu do inconsciente (Je). A partir do momento em que o *infans* unifica a sua imagem corporal e reconhece-se na sua própria imagem no espelho, ou seja, a partir do momento em que há a identificação primordial no estágio do espelho o *infans* está pronto para se aventurar no Complexo de Édipo.

Esquema L

Lacan busca formalizar a relação do sujeito com o Outro do sujeito (posição do sujeito na estrutura, isto é, seu lugar na estrutura) e nos fornece o esquema L - que

¹³² Julien, (1993), p. 16.

¹³³ *Idem*, p. 19.

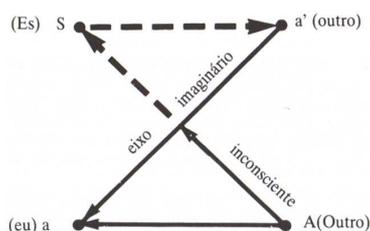
¹³⁴ "*Infans*" é uma expressão usada por Lacan para designar o estado da criança antes da aquisição de linguagem.

¹³⁵ Dor, (1989), p. 79

¹³⁶ *Idem*, p. 80.

¹³⁷ *Idem, Ibidem*.

indica que a posição do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola (articulado ao discurso – o inconsciente é o discurso do Outro) no Outro A. Nesse discurso o sujeito é puxado para os quatro cantos; “S, sua inefável (que não se pode nomear) e estúpida existência, a, seus objetos, a’, seu eu, isto é, o que se reflete de sua forma em seus objetos, e A, lugar de onde lhe pode ser formulada a questão da sua existência”¹³⁸



Que sou eu nisso? Essa pergunta relaciona-se ao sexo e as vicissitudes de sua existência como ser. Sou homem ou mulher? ou não? Há questões: sobre ato-sexual, relação amorosa, procriação. De todo esse questionamento sobre a sua existência é que se constitui o sujeito, da articulação de um significante a Outro.

Lacan diz que o *infans* entra nesse jogo dos significantes como morto, mas é como vivo que irá jogar, constituindo-se como verdadeiro, à medida que esse jogo de significantes vem dar-lhe significação. O sujeito se constitui enlaçando-se, identificando-se a esses outros reais, denominados por Outros significantes, atualizados na contemporaneidade do sujeito. Nessa trilha, se servirá de um “*set de figuras imaginárias, selecionadas dentre as inúmeras formas das relações anímicas, e cuja escolha comporta uma certa arbitrariedade, já que, por sobrepor-se homologicamente ao ternário simbólico, ela tem de ser numericamente reduzida*”. Em consequência estrutura-se no sujeito três instâncias: eu (ideal), realidade e supereu (2º tópica freudiana).

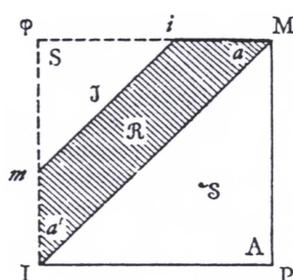
Segundo Lacan através do par imaginário do espelho (a-a’) “relação narcísica – imagem especular” - liga-se ao conjunto de elementos imaginários do “corpo despedaçado” formando uma imagem unificadora, dando a matriz necessária à relação simbólica Mãe-Criança. Portanto, o triângulo imaginário fornece a partir do par imaginário uma base para que o simbólico abarcar e desenvolver. Na hiância aberta no imaginário em sua relação com o simbólico, que fragmentos do estágio do espelho

¹³⁸ Lacan, (1957-1958), p. 555.

surtem possibilitando ao homem imaginar-se mortal. E nesta relação com o simbólico que se constitui como sujeito para a morte.

Esquema R

Lacan demonstra, a título de visualização conceitual, o duplo ternário (chamado esquema R) que indica o *perceptum* “objeto” circunscrito no campo da realidade. Os vértices do triângulo simbólico encontra o I (como ideal do eu), M (como significante do objeto primordial), e P (como a posição em A do Nome-do-Pai). Lacan indica que de acordo como a significação do sujeito S sob o significante falo pode refletir no campo da realidade (quadrilátero MimI). A relação narcísica é indicada nos dois termos i (eu = Je) e m (imagem especular = moi).



Assim indicado no esquema o tríade imaginária acima com o *falo* (ϕ), o eu-Je (*i*), a imagem especular $m = moi$. O ϕ vértice superior ternário imaginário, é com aquele que o sujeito se identifica, em contrapartida de seu ser de vivente, nada mais é senão a imagem fálica. Na tríade simbólica encontramos no vértice inferior Nome-do-Pai (P), o significante do objeto primordial ou Outro materno (M), e o Ideal de eu ou identificação ideal (I). A realidade encontra-se no quadrilátero MimI. A criança, na condição desejada, constitui o vértice I, para restituir à noção de relação de objeto.

Lacan destaca a importância da descoberta de Freud da função imaginária do falo como pivô do processo simbólico, nos dois sexos, gera efeitos ou questionamentos do sexo, pelo complexo de castração. Acrescenta a idéia de uma economia subjetiva determinada pelo inconsciente onde “*uma significação só é evocada pelo que chamamos de metáfora, precisamente metáfora paterna*”¹³⁹. O contexto simbólico exige um significante paterno para indicar a paternidade anexada à função de procriação, mesmo que o encontro de uma mulher seja com qualquer espírito, objeto ou coisa.

¹³⁹ Lacan, (1957-1958), p. 561.

É justamente isso que demonstra que a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como o Nome-do-Pai.

Não há certamente necessidade alguma de um significante para seu pai, não mais que para estar morto, porém, sem significante, ninguém jamais saberá nada sobre um ou sobre o outro desses estados de ser.¹⁴⁰

Freud em “*totem e tabu*” reconhece o significante do pai, no assassinato do pai primevo “gozador”, “*assim mostrando que, se esse assassinato é o momento fecundo da dívida através da qual o sujeito se liga à vida e à Lei, o Pai simbólico, como aquele que significa essa Lei, é realmente o Pai morto*”¹⁴¹.

Lacan diz que a significação do falo *deve* ser evocada no imaginário do sujeito pela metáfora paterna. Demonstrada na fórmula da metáfora paterna, ou da substituição de significante.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Onde o significante Nome-do-Pai, o significado desconhecido para o sujeito e *falo* produz o significado, que consiste na substituição, na cadeia de significante, do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai. Essa elisão o desejo da mãe, é o preço pago pela vida, seu risco, é a condição de sucesso da metáfora.

Isto é, o Nome é colocado via metáfora do Nome-do-Pai em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe.

Buscar a condição da posição subjetiva, não na carência do pai real, mas na carência do próprio significante. Assim Lacan:

A presença do significante no Outro é, com efeito, uma presença vedada ao sujeito na maioria das vezes, já que, comumente, é em estado de recalçado (*verdrängt*) que ela persiste ali, que dali insiste em se representar no significado, através de seu automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*).¹⁴²

Objeto

A construção do objeto na obra psicanalítica é fundamental. Freud apontava que *objeto* em psicanálise é o *objeto da pulsão*: “*é aquilo em que ou por meio de que a pulsão pode alcançar a sua finalidade*”, isto é, a satisfação.

‘Ter’ e ‘ser’ nas crianças. As crianças gostam de expressar uma relação de objeto por uma

¹⁴⁰ Lacan, (1957-1958), p. 562.

¹⁴¹ *Idem*, p. 563.

¹⁴² *Idem*, p. 564.

*identificação: 'Eu sou o objeto.' 'Ter' é o mais tardio dos dois; após a perda do objeto, ela recai para 'ser'. Exemplo: o seio. 'O seio é uma parte de mim, eu sou o seio.' Só mais tarde: 'Eu o tenho' – isto é, 'eu não sou ele'...*¹⁴³

Lacan em seu Seminário IV destaca que em Freud, o *objeto* é sempre *objeto perdido*. O objeto é sempre o objeto redescoberto. Deve-se frisar a dimensão da falta de objeto ao seu aspecto parcial: “encontrar o objeto é sempre reencontrá-lo”. É a sua perda que o elege como objeto do desejo, no sentido de ser o objeto perdido, o objeto causa do desejo. O desejo o tem, ao mesmo tempo como correlativo e como algo que, dada a sua natureza é impossível de possuir. Assim, o *objeto a* deve ser lido como objeto *a* minúsculo.

Tanto na criança como no adulto a falta de objeto pode se manifestar sob três formas específicas. Assim Lacan imprime uma importância central na noção de falta de objeto como a própria mola da relação do sujeito com o mundo. (*castração, privação e frustração*). Assim, distingue três categorias de falta de objeto, articulados a três registros (O real, O simbólico e O Imaginário - R,S,I).

Vou sublinhar, simplesmente, o que querem dizer esses termos. Na castração, há uma falta fundamental que se situa como dívida, na cadeia simbólica. Na frustração, a falta só se compreende no plano imaginário. Na privação, a falta está pura e simplesmente no real, limite ou hiância real.¹⁴⁴

A *frustração* é um campo de reivindicação, nenhuma possibilidade de satisfação pode ser encontrada. Na frustração a falta é um dano imaginário. Seu objeto é real. No concreto o pênis é o exemplo original, na falta do pênis na menina é experimentada sob a forma de frustração. Portanto, a frustração é a falta imaginária de um objeto real.

Na *privação* seria a falta que é real (buraco no real), porém o objeto da privação é simbólico. Portanto, a privação é a falta real de um objeto simbólico.

Na *castração* a falta dirige-se a uma falta simbólica, a qual remete a interdição do incesto, referência simbólica por excelência. Nesse sentido a função paterna é fundamental, introduzindo a criança em seu acesso ao simbólico. Na castração, segundo Lacan, a falta significada é uma dívida simbólica. Todavia, na castração, o objeto faltante é radicalmente imaginário, e com nenhuma possibilidade de ser um objeto real. Este objeto da castração obviamente é o falo. Portanto, a castração é a falta simbólica de um objeto imaginário.

¹⁴³ Freud, 1938, p. 317.

¹⁴⁴ Lacan, (1956-57), p. 54.

Lacan entende o amor como fundado na falta, quando o sujeito se dirige ao objeto à sua procura. Nesse sentido, à relação sujeito-objeto se acrescenta um mais além e uma falta. Assim, Lacan fala de uma onipotência materna e não situado no sujeito como querem muitos.

É o Outro quem é o todo poderoso. Mas, por trás desse todo-poderoso, existe uma falta última a que está suspensa sua potencia. Desde que sujeito percebe, no objeto de que espera a onipotência, esta falta que o faz, a ele mesmo, impotente, a ultima instancia da onipotência é referida para além, a saber, ali onde alguma coisa não existe ao máximo. Isso é o que, no objeto, não passa de simbolismo da falta, fragilidade, pequenez.¹⁴⁵

Precisamos ater-nos ao que diz Lacan que a mãe também o faz tão bem quanto o pai. E que na maioria das vezes as mães dizem: “*se você continuar a fazer isso, vamos chamar o doutor para cortá-lo fora*”¹⁴⁶. Assim, segundo ele, o pai no que diz respeito a proibição ao nível da pulsão real, não é muito fundamental.

Quadro de três patamares:

Agente	Falta de Objeto	Objeto
Pai Real	Castração	Imaginário
Mãe simbólica	Frustração	Real
Pai imaginário	Privação	Simbólico

Seminário 5 – as formações do inconsciente, p. 178.

No primeiro patamar, a ameaça de castração trata-se de intervenção real do pai no que concerne a uma ameaça imaginária, R.i, já que cortar o pipi não ocorre normalmente. A castração é um ato simbólico onde o agente é alguém real (pai, mãe, cuidadores) que dizem em cortá-lo (pipi=objeto imaginário). O menino se sente cortado, é por imaginar isso. Desse modo, o que o pai proíbe então? O pai proíbe a mãe enquanto está é seu objeto e não do filho. Nesse momento tanto no menino como na menina surge o sentimento de rivalidade com o pai que produz uma agressão. Portanto, o pai frustra os filhos (as) da posse da mãe.

No segundo patamar, da frustração, o pai é detentor de um direito, e não personagem real. Mesmo em sua ausência o resultado é o mesmo. Trata-se aqui do pai simbólico que intervém numa frustração (ato imaginário) “*concernente a um objeto muito real, que é a mãe, na medida em que a criança necessita dela, S’.r.*”¹⁴⁷

No terceiro patamar, o da privação, intervém na articulação edípica. “*trata-se então do pai como aquele que se faz preferir em lugar da mãe, dimensão que vocês são*

¹⁴⁵ Lacan, (1956-57), p. 171.

¹⁴⁶ Lacan, (1957-58), p. 178.

¹⁴⁷ *Idem, Ibidem.*

absolutamente forçados a fazer intervir na função terminal, aquela que leva a formação do ideal de eu, $S \leftarrow S'.r.$ ”¹⁴⁸. Assim, que o pai se torna objeto preferencial da mãe por força ou fraqueza que se produz a identificação final edípica. Lacan destaca esse ponto como estabelecimento da função do Édipo invertido e também “*é aí que se centra a questão da diferença do efeito do complexo no menino e na menina*”¹⁴⁹.

A castração é dissimétrica no menino e na menina. Para a menina a dificuldade está em sua entrada e o fim é facilitado porque o pai não tem dificuldade em apontar a mãe como a possuidora do falo (o pai prefere a mãe). Para o menino fica uma hiância sobre o tipo de saída, mas Lacan acentua: “*parece-nos que, para o menino, o complexo de Édipo é sempre o que há de menos normatizador, ao passo que ainda assim, ele fica implicado. Dizem até que ele é o mais normatizador, visto que é pela identificação com o pai que a virilidade é assumida*”¹⁵⁰. A função proibidora do pai produz uma privação no menino e na menina

É na medida em que o pai se torna no Ideal de eu que se produz na menina o reconhecimento de que ela não tem o falo. Mas isso é o que há de bom para ela – ao passo que, para o menino, seria um resultado absolutamente desastroso, e às vezes é. Aqui, o agente I, enquanto o objeto é s – I.s.”¹⁵¹.

Em outras palavras, no momento de saída normatizadora do Édipo, a criança reconhece não ter – não ter realmente aquilo que tem, no caso do menino, e aquilo que não tem, no caso da menina¹⁵².

O desenrolar, ao nível da identificação ideal, na preferência do pai pela mãe enquanto mãe fálica, tanto para o menino como para a menina, deve levar em consideração a privação (terceiro patamar do quadro de três patamares página 50).

Lacan aponta que a noção de *identificação* está presente desde o início de sua obra. Diferencia identificação de escolha de objeto. Acrescenta que Freud diz que não é a mesma coisa que estar do lado do objeto ou do lado do sujeito. Entende-se que o fato de um objeto se tornar objeto de escolha é diferente de servir de suporte da identificação do sujeito. Distingue identificação ativa da passiva, mas que esses dois pólos estão presentes em todas as identificações.

Lacan recorta de Freud em “*Psicologia das massas e análise do eu*” (1921) a idéia de *identificação ao pai*. No momento em que, mais cedo ou mais tarde, o menino dirige para mãe desejos libidinosos. Neste artigo de Freud no capítulo “*estar amando e*

¹⁴⁸ Lacan, (1957-58), p. 178.

¹⁴⁹ *Idem*, p. 179.

¹⁵⁰ *Idem, Ibidem*.

¹⁵¹ *Idem, Ibidem*.

¹⁵² *Idem, Ibidem*.

a hipnose” que trata do estado amoroso e suas relações com a *identificação* Freud diz que “*é uma função primitiva, mais fundamental, na medida em que comporta uma escolha de objeto, mas uma escolha de objeto que não deixa de ser forçosamente articulada de uma maneira muito problemática*”¹⁵³. Lacan observa que Freud em sua análise do “estado de estar amando” liga-o profundamente ao *narcisismo*. Lacan aponta que o objeto de que Freud trata seria uma espécie de outro eu (*moi*) no sujeito. Freud afirma que neste estado o sujeito se despossui do que é de si, em detrimento do objeto amado “*o que o sujeito introjeta e com que se enriquece e, por outro lado, aquilo que lhe toma algo de si próprio e o empobrece*”.¹⁵⁴ Mas Freud percebe que essa explicação não se sustenta. Diz que do ponto vista econômico que não se trata de enriquecimento ou de empobrecimento, mesmo no estado amoroso, pode ocorrer uma introjeção do objeto no eu. Assim, na identificação, “*o objeto se volatiliza e desaparece para reaparecer no eu, o qual sofre uma transformação parcial, segundo o modelo do objeto desaparecido. No outro caso, o objeto substituto se vê dotado de todas as qualidades pelo eu e às expensas deste*”¹⁵⁵.

Lacan aponta que, desde o início a formulação freudiana de formação do objeto fundamenta-se na noção de perda de objeto, ou de objeto abandonado. Mas Lacan diz que não se trata de um objeto que se evapora ou desaparece: muito pelo contrário se trata de um objeto que permanece, ele não desaparece “*ele é, então, novamente reerigido (criado) no eu, e o eu se transforma parcialmente de acordo com o modelo do objeto perdido*”.¹⁵⁶

E, no caso do objeto conservado, superinvestido pelo eu, pode ser colocado no lugar do eu (*Ich*) ideal do eu (*ich-Ideal*)?

Lacan, para explicar a constituição do objeto, parte da primeira relação amorosa, da mãe como objeto de apelo e, portanto, tão ausente quanto presente. A mãe oferta seus dons (signos de amor) e por outro lado existem os objetos de necessidade (seio). Lacan fala de um equilíbrio e de uma compensação entre os dois “*Cada vez que há uma frustração de amor, está é compensada pela satisfação da necessidade. É na medida em que a mãe falta à criança que a chama que esta se agarra ao seu seio, e que este seio se*

¹⁵³ Freud *apud* Lacan, (1956-57), p. 174.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 175.

¹⁵⁵ *Idem, Ibidem*.

¹⁵⁶ Lacan, (1956-57), p. 176.

torna mais significativo que tudo".¹⁵⁷ Assim, a satisfação da necessidade (satisfação ou não-satisfação) compensa a frustração do amor (presença ou ausência - falta).

..A partir do momento em que um objeto real, que satisfaz uma necessidade real, pode-se tornar-se elemento do objeto simbólico, qualquer outro objeto capaz de satisfazer uma necessidade real pode vir colocar-se em seu lugar e, principalmente, este objeto já simbolizado, mas também perfeitamente materializado, que é a palavra.¹⁵⁸

Aqui se localiza também uma formação de um supereu precoce. *“o que o sujeito incorpora sob o nome de supereu é algo análogo ao objeto de necessidade, não na medida em que ele mesmo seja o dom, mas na medida em que ele substitui a falta do dom, o que não é absolutamente o mesmo”*¹⁵⁹.

Na dialética da frustração se introduz o *falo*, “falta”. Segundo Lacan por volta do sexto mês se produz a relação com a imagem do outro, matriz de sua incompletude vivida – o fato é que ele está em falta. Na relação com essa imagem especular “total”, a criança experimenta a completude, e realiza que algo lhe pode faltar. Lacan diz que na medida em que o imaginário atua sobre as duas relações simbólicas entre o objeto e a mãe da criança, pode surgir algo que pode faltar imaginariamente, tanto a ela quanto a sua mãe. *“É na relação especular que o sujeito tem a experiência e a apreensão de uma falta possível, de que alguma coisa mais além pode existir, alguma coisa que é uma falta”*.¹⁶⁰ Nessas idas e vindas tensionais entre o sujeito e o objeto é que vai substratificar aquilo que irá constituir seu eu e isto se relaciona com o narcisismo. E também Freud adere à formulação que nenhum objeto real jamais consegue preencher a falta da mãe. Assim, permanece na criança um ponto de fixação em relação a sua inserção imaginária, à falta do falo. Segundo Lacan é no segundo tempo da identificação imaginária especular à imagem do corpo, que está na origem de seu eu e sua matriz, possibilitando o sujeito de realizar a falta na mãe. Portanto, é na relação especular com o outro que este forma uma totalidade e com referência a essa imagem que o sujeito realiza algo da ordem de que alguma coisa pode lhe faltar. Essa falta, além do objeto pode levar o sujeito a oferecer a si mesmo como objeto que a completa.

A propósito do *Ich-Ideal*, não se trata simplesmente de um objeto, mas de algo que está para além do objeto, e que vem refletir, como diz Freud, não pura e simplesmente no eu, que sem dúvida sente alguma coisa e pode se empobrecer, mas em algo que está nas próprias bases do eu, em suas

¹⁵⁷ Lacan, (1956-57), p. 178.

¹⁵⁸ *Idem, Ibidem.*

¹⁵⁹ *Idem, Ibidem.*

¹⁶⁰ *Idem, 179.*

primeiras formas, em suas primeiras exigências, e, para dizer tudo, sobre o primeiro véu¹⁶¹, e se projetando aí sob a forma do ideal de eu.¹⁶²

É importante ressaltar que para Lacan frustração não é a recusa do objeto de satisfação. Satisfação é sempre de uma necessidade. Mas a frustração não é uma frustração qualquer, é a recusa do dom, enquanto símbolo do amor. Mas segundo Lacan “*isso não quer dizer que a criança tenha feito filosofia do amor, que ela distinga, por exemplo, o amor e o desejo*”¹⁶³.

O dom implica segundo Lacan todo um ciclo de troca, ele recobre todo o conjunto intersubjetivo. Ele surge do mais além da relação objetual, trás a ordem de trocas em que a criança ingressou, e é desse mais além que se constitui o simbólico. “*O dom se manifesta ao apelo. O apelo se faz escutar quando o objeto não está lá. Quando o objeto está lá, o objeto se manifesta essencialmente como sendo apenas signo de dom, isto é, como nada em termos de objeto de satisfação*”¹⁶⁴. Essas relações são a base da relação do sujeito com o par presença-ausência.

Mesmo o desejo na criança nunca é ligado à pura e simples satisfação natural. Assim o objeto real assume o valor de símbolo, essa atividade coloca a criança em posse do objeto. Na oralidade a criança entra na dialética da substituição da exigência de amor pela satisfação, atividade erotizada, assim se trata de libido, no sentido literal “libido sexual”.

..a intencionalidade do amor constitui muito precocemente, antes de qualquer mais-além do objeto, uma estruturação fundamentalmente simbólica, que é impossível de conceber, senão formulando a própria ordem simbólica como tal já instituída e presente.¹⁶⁵

Na teoria da comunicação diz que quando a criança chora a mãe recebe seu choro como um sinal, um sinal da necessidade. Freud não considera o grito como sinal, mas como apelo que convoca sua resposta, sobre um fundo de resposta. O se produz grito com a linguagem já instituída para a criança.

Para Lacan;

..o grito que levamos em conta na frustração se insere num mundo sincrônico de gritos organizados em sistema simbólico. Os gritos são, doravante, virtualmente organizados num sistema simbólico. O sujeito humano não é apenas avisado do grito como de algo que, a cada vez, assinala um objeto. É

¹⁶¹ Véu: situado a frente do objeto, a saber, o véu, a cortina, o lugar onde se faz a projeção imaginária. (Lacan, 1956-57, p.168).

¹⁶² Lacan, (1956-57), p. 181.

¹⁶³ *Idem*, p. 184.

¹⁶⁴ *Idem*, p. 186.

¹⁶⁵ *Idem*, p. 191.

vicioso, falacioso, errôneo formular a questão do signo quando se trata do sistema simbólico. Desde a origem, o grito é feito para que se tome conhecimento dele, até mesmo para que, mais além, se o relate a um outro. Basta ver a necessidade essencial que a criança tem de receber esses gritos articulados que se chamam palavras, e o interesse que ela tem no sistema de linguagem em si mesma. O dom-tipo é justamente o dom da palavra, porque, com efeito, o dom aqui é, se posso dizer, igual em seu princípio. Desde a origem, a criança se alimenta tanto de palavras quanto de pão, e perece por palavras.¹⁶⁶

Para Lacan todas as relações com o corpo próprio a partir das relações especulares da criança, tudo que se refere a seu corpo, são transformadas com o advento do significante. Controle esfínteres dom recusa etc. simbolismo anal.

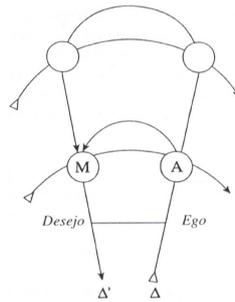
Édipo

Lacan articula os três tempos do Édipo para melhor entendimento da identificação a instância paterna isto é esta identificação ocorre em três tempos do Édipo. No primeiro tempo do Édipo o que a criança busca como desejo de desejo, é suprir “satisfazer” o desejo da mãe, ou, ser ou não ser o falo (como objeto de desejo do outro) que satisfaz a mãe. No grafo a criança inscreve a demanda em Δ , e seu resultado Δ' . Lacan coloca dois pontos o ego, e em frente o seu outro, aquele que a criança se identifica, que é seu outro, que a criança busca ser, o desejo (objeto satisfatório para a mãe). A criança em sua constituição busca saber se é capaz de alguma coisa. “*ela a procura e a encontra na medida em que a mãe é interrogada pela demanda da criança. Também a mãe, por sua vez, está em busca de seu próprio desejo, e em algum lugar por aí situam-se os componentes deste*”¹⁶⁷. Ou melhor, nesse primeiro tempo o sujeito identifica-se especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. “*essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo e da lei*”¹⁶⁸. Lacan diz que a criança pesca o resultado para agradar a mãe, é necessário e suficiente ser o falo. Mas depende do que desenrolar em M (mensagem), satisfatoriamente ou não, pode-se fundar distúrbios como a perversão.

¹⁶⁶ Lacan, (1956-57), p. 192.

¹⁶⁷ Lacan, (1957-58), p. 198.

¹⁶⁸ *Idem, Ibidem.*

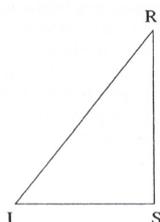


No segundo tempo do Édipo, ocorre no plano imaginário a intervenção do pai “castração” como privador da mãe. Nesse momento quando a criança endereça ao Outro sua demanda esta será submetida como diz Lacan a um “tribunal superior”, isto é, essa demanda encontra o Outro do Outro, ou seja, a própria lei. Nesse momento retorna à criança a lei do pai como privadora da mãe (plano imaginário). Também desliga o sujeito de sua identificação anterior e o conecta ao primeiro aparecimento da lei, onde sua mãe é dependente de um objeto, que já não é o objeto de seu desejo, mas de um objeto que o Outro tem ou não tem. Remete a mãe a uma lei de um Outro não a dela, onde seu objeto de desejo está possuído por esse Outro. Assim a relação não é com o pai, mas com sua palavra e produz o caráter decisivo, a chave da relação do Édipo.

No terceiro tempo do Édipo, muito importante, porque a criança depende dela para sair do Édipo. É do pai, suporte da lei, que depende a posse ou não desse falo pelo sujeito. Assim o que o pai prometeu no segundo tempo “o falo” tem que ser mantido nesse terceiro tempo, disso ele tem que dar provas. Segundo Lacan o pai por intervir nesse terceiro tempo como aquele que tem o falo e não é o falo instaura o falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto que o pai pode privar (como o “pai onipotente” do segundo tempo). Portanto no terceiro tempo o pai pode dar a mãe o que ela deseja, porque tem, o pai é aqui um “pai potente”. Por isso essa relação entre o pai e a mãe passa para o plano real. Essa identificação com o pai como aquele que tem o falo chama-se *Ideal do eu*. O pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, em seguida o complexo de Édipo declina. “Ela vem inscrever-se no triângulo simbólico no pólo em que está o filho, na medida em que é no pólo materno que começa a se constituir tudo o que depois será realidade, ao passo que é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será o supereu”¹⁶⁹. Portanto, o pai intervém como real e potente. Nesse tempo produz uma castração que recai sobre a mãe imaginada, em sua posição imaginária a nível do sujeito, de dependência. Na menina o desfecho do

¹⁶⁹ Lacan, (1957-58), p. 200-01.

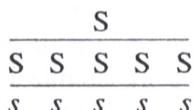
complexo de Édipo é diferente, mais simples “*não tem que fazer essa identificação nem guardar título de virilidade. Ela, a mulher, sabe onde ela está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem*”¹⁷⁰. (ver página 75)



A metáfora institui um significante, cuja significação se desenvolverá mais tarde, por exemplo, no menino na puberdade poderá certificar-se como um homem viril, como diz Lacan um homem é sempre mais ou menos a sua metáfora.

Existem duas cadeias, os S do nível superior, que são significantes, ao passo que encontramos abaixo deles tudo o que circula de significados ambulantes, porque eles estão sempre deslizando. A amarração de que falo, o ponto de basta, é tão somente uma história mística, pois ninguém jamais pode fazer é atar um significante num significante e ver no que dá. Nesse caso, sempre se produz alguma coisa de novo, a qual, às vezes, é tão inesperada quanto uma reação química, ou seja, o surgimento de uma nova significação.

O pai no é, no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei. Ele se coloca, por assim dizer, acima desta.¹⁷¹



O pai é uma metáfora, a mãe o institui nesse lugar, o lugar da lei. “*É nessa medida que o terceiro tempo do complexo de Édipo pode ser transposto, isto é, a etapa da identificação, na qual se trata de o menino se identificar com o pai como possuidor do pênis, e de a menina reconhecer o homem como aquele que o possui*”¹⁷².

Assim, toda esta problemática é diferente no menino e na menina. Para compreender o ingresso na ordem simbólica Lacan é freudiano retoma o Édipo, ou seja, a constituição da relação para com as diferenças sexuais. O estágio do espelho (etapa anterior ao Édipo), é o primeiro tempo da relação edipiana quando a criança indistinta a mãe, está identificada com a mãe e o falo. Já no segundo tempo ocorre a intervenção do pai (desmancha prazeres), para privar a criança dessa identificação e privar a mãe de um Falo (a criança se vê proibida do leito da mãe e a mãe se vê proibida da recuperação da criança). O segundo tempo do Édipo é o encontro da criança com a Lei do pai. No

¹⁷⁰ Lacan, (1957-58), p. 200-01.

¹⁷¹ *Idem*, p. 202.

¹⁷² *Idem*, p. 203.

terceiro tempo do Édipo há a identificação ao pai. “aqui opera a entrada na ordem simbólica, na ordem da linguagem”. O papel da figura paterna é o uso da palavra que significa a Lei, e não simplesmente procriação e experiência vivida. É a noção de Nome-do-Pai (*nom du père*) ou metáfora paterna, reconhece-se o suporte da função simbólica, que contorna as experiências simbólicas anteriores, e identifica a pessoa a figura da Lei. A mãe tem um papel fundamental; é preciso que esta reconheça o pai com representante da Lei. Sendo assim a criança poderá reconhecer o Nome-do-Pai. Se ambos aceitam a Lei paterna, a criança se identifica com o pai como aquele que detém o falo. O pai ressitua o falo em seu lugar como o objeto desejado pela mãe, e como objeto distinto da criança (castração simbólica) “o pai castra a criança, distinguindo-a do falo e a separando da mãe”. “castração” (separação) ¹⁷³. A criança deve assim aceitar que esta castração seja significada para ela. Mediante esta aceitação (identificação a Lei, ao pai). Assim a criança entra na tríade familiar, e nela reencontra a justa posição. Além da relação “dual” com a mãe, torna-se sujeito distinto dos dois outros, é liberada, adquire subjetividade. Assim, a criança entra no mundo da linguagem da cultura e da civilização (resumidos na seqüência abaixo):

Estágio do espelho:

1º etapa: a imagem real do outro; a mãe outro.

2º etapa: a imagem é apenas imagem; a mãe irrealizada.

3º etapa identificação à sua própria imagem, identificação a mãe (identificação primária)

Édipo:

1º tempo: 3º etapa do espelho identificação à sua própria imagem, identificação a mãe (identificação primária).

2º tempo: interdição do pai; castração.

3º tempo: acesso ao Nome-do-Pai e à ordem simbólica (identificação secundária).

Assim, trilhamos a definição de psicose em Freud. Descrevemos sua análise de um caso de paranóia (1911) o conhecido “*Caso de Schreber*” este tomado como o *paradigma da psicose* em psicanálise. E, agora, postos alguns dos conceitos operativos da teoria freudo-lacaniana e a concepção lacaniana da constituição do sujeito podemos avançar e caracterizar a “teoria lacaniana da paranóia fundamentando-se no texto: “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58)*”.

¹⁷³ Antes da “castração” (separação), constitui-se a dimensão do imaginário, que representa a dualidade ou especularidade, processo designado por Lacan através da noção de estágio do espelho, retratando o momento em que o bebê deixaria o estado diferenciado e passaria para a posição de objeto.

Capítulo IV - Schreber por Lacan

“... o paranóico se esforça para simbolizar o imaginário, o esquizofrênico, o contrário, tenta imaginarizar o simbólico”.¹⁷⁴

Em “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” (1957-58) Lacan parte da relação do homem com o significante (campo da linguagem). Distingue fenômenos de código e fenômenos de mensagem.

Aos fenômenos de código pertencem, nessa abordagem, as vozes que se servem da *Grundsprache*, que traduzimos como língua fundamental, e que Schreber descreve (S. 13-I) (remete a página e ao capítulo das memórias no original) como “um alemão um tanto arcaico, mas ainda rigoroso, que se caracteriza principalmente por uma grande riqueza de eufemismos”. Em outro ponto (S.167-XII), ele se reporta com pesar “à sua forma autêntica, por seus traços de nobre distinção e simplicidade” (a verdadeira língua fundamental isto é a expressão dos verdadeiros sentimentos das almas na época em que ainda não havia frases decoradas, caracterizava-se por uma nobre distinção e simplicidade (Memórias..., op. Cit., p. 140 (N.E.))¹⁷⁵

Chamadas “locuções neológicas”, construção de novas palavras “metáforas”, entendidas a partir da gramática delirante de Schreber. Lacan diz que as alucinações orientam Schreber, indicam as formas e utilizações que se estruturam no neocódigo. A partir desse neocódigo próprio, Schreber pode denominar de *Grundsprache* esse neocódigo, ou língua fundamental. Lacan comenta que os lingüistas chamam essas mensagens de *autônomas* (autônomo - signo que se refere a si mesmo, mesmo sentido, até em línguas diferentes) onde o próprio significante é o objeto da comunicação e não seu significado. “*mas essa relação da mensagem consigo mesmo, singular porém normal, reduplica-se, aqui, por serem essas mensagens tidas como sustentadas por seres cujas relações elas mesmas enunciam, sob modos que se revelam muito análogos às conexões do significante*”¹⁷⁶. Assim, a relação dos significantes constituem-se a partir de uma lógica própria, ou sistema próprio.

Lacan detém-se sobre o texto de Schreber em alguns dos termos alucinatorios utilizados, providos das mensagens ou “fenômenos de mensagem”, e seus oponentes “mensagens interrompidas”. O termo *Nervenanhang* “anexação dos nervos” ilustra a paixão e a ação entre os seres, que se reduzem a nervos anexados ou desanexados. Também ocorre a entificação de palavras, como raios divinos, que para Schreber falam.

¹⁷⁴ Dor, 1991, p. 105.

¹⁷⁵ Lacan, (1957-1958), p. 541-42.

¹⁷⁶ *Idem*, p. 544.

Nos fenômenos erroneamente chamados de intuitivos o que ocorre é uma antecipação de significação, assim Lacan destaca que:

trata-se, na verdade, de um efeito do significante, na medida em que se grau de certeza (segundo grau: significação de significação) adquire um peso proporcional ao vazio enigmático que se apresenta inicialmente no lugar da própria significação”¹⁷⁷. “Chegado a intuições sobre a essência do processo do pensamento e do sentimento no homem de fazer inveja a muitos psicólogos (S. 167-XII)”¹⁷⁸.

Nesse caminho Lacan comenta que Schreber nem imagina extrair da natureza das coisas. E se quisermos aproveitá-los é a partir da análise semântica. Também Lacan observa que a todo um cuidado em discernir a origem dos termos por Schreber.

Lacan destaca as mensagens interrompidas onde o sujeito e seu interlocutor divino provam suas resistências. A voz do parceiro “interlocutor” ocorre no início da frase, mas interrompe-se, e não completa o sentido. Com aparência ofensiva, sempre a desencorajá-lo, na maioria das vezes, Schreber articulava sua réplica com valentia.

O termo “provocação” seria a respeito das vozes que o instigavam com mensagens “frases” interrompidas como “*you must de fato...*” ou “*agora eu vou me...*”¹⁷⁹ que Schreber sempre respondia com seu suplemento significativo, como; sentir-se idiota, libertino e pensar bem.

Podemos observar que a frase se interrompe no ponto onde termina o grupo de palavras que poderíamos chamar de *termosíntese*, isto é, aqueles cuja função no significante é designada, conforme o termo empregado acima, por *shifters*, ou seja, precisamente os termos que, no código, indicam a posição do sujeito a partir da própria mensagem.¹⁸⁰

Depois disso, a parte propriamente léxica da frase, ou, dito de outra maneira, a que abrange as palavras que o código define por seu emprego, quer se trate do código comum ou do código delirante, fica elidida.¹⁸¹

Segundo Lacan fica a função do significante nos dois fenômenos “fenômenos de mensagem” e seus oponentes “mensagens interrompidas”. Assim “*busca representar as conexões internas do significante na medida em que estruturam o sujeito*”¹⁸²

No seminário sobre as psicoses Lacan extrai de Freud uma função do inconsciente distinta do recalcado, nomeada pelo termo *Verwerfung*.

Ele se articula nesse registro como a ausência da *Bejahung*, ou juízo de atribuição, que Freud postula como precedente necessário a qualquer aplicação possível de *Verneinung*, que ele lhe opõe como juízo de existência,

¹⁷⁷ Lacan, (1957-1958), p. 545.

¹⁷⁸ Schreber *apud* Lacan, (1957-1958), p. 545.

¹⁷⁹ *Idem*, p. 546.

¹⁸⁰ *Idem, Ibidem*.

¹⁸¹ *Idem, Ibidem*.

¹⁸² *Idem*, p. 547.

ao passo que o artigo inteiro em que ele destaca essa *Verneinung* como elemento da experiência analítica demonstra nela a confissão do próprio significante que ela anula.¹⁸³

Portanto, é também ao significante que se refere a *bejahung* primordial, e outros textos permitem reconhecer isso, em especial a carta 52 da correspondência com Fliess, onde ele é expressamente isolado como termo de uma percepção original, sob o nome de signo, *Zeichen*.¹⁸⁴

Lacan toma o termo *Verwerfung* por *forclusão* do significante. A ausência do significante Nome-do-Pai produz um furo no lugar da significação fálica. Essa perspectiva permite conceber o que Schreber nos comunica como resultado desse dano. Lacan destaca Freud, que já implicava o inconsciente na trama do delírio, girando em torno do poder da criação via palavras, tendo os raios divinos (*Gottesstrahlen*) como realizações concretas. Assim, Schreber inicialmente se detém sobre “o ato de fazer uma existência nascer do nada” de transformação de uma matéria cercada pela sua existência material. De certa forma Schreber nesse momento já percebe a contradição de seus pensamentos e que deve ter acontecido alguma coisa que não provém de sua própria mente.

Lacan destaca que no décimo quinto capítulo das *Memórias* o fenômeno do jogo de “coação a pensar” (*Denkzwang*), que são palavras de Deus que constroem, tornando o sujeito aniquilado, miséria ou largado (*liegen lassen*). O sujeito suspenso num momento de Pensar-em-nada (*Nichtsdesken*), de repouso. Nesse momento se produz o que Schreber chama de “milagre o urro” (*Brüllenwunder*) um grito que o surpreende. Também Lacan destaca outro fenômeno, um grito de socorro (“*Hülfe*” *rufen*), emitido pelos “nervos de Deus que se destacam da massa”, motivada não pela retirada e distância de Deus, porém pelo grau de dilaceração subjetiva é indiscernível de seu modo significante, não sendo possível avançar nisso (saber sobre esse fenômeno).

Schreber apresenta manifestações fora de seu campo perceptivo (corredor, quarto ao lado) que são intencionalmente produzidas para ele. Fenômenos que surgem fora do campo de seus sentidos como: no parque, no *real*, como criações miraculosas recém criadas se referem com freqüência a espécies voadoras: pássaros ou insetos.

Segundo Lacan;

É assim que, no auge dos efeitos alucinatórios, as criaturas que seriam as únicas a merecer o título de alucinações, se quiséssemos aplicar com todo rigor o critério do aparecimento do fenômeno na realidade, recomendam-nos

¹⁸³ Lacan, (1957-1958), p. 564.

¹⁸⁴ *Idem, Ibidem.*

reconsiderar, em sua solidariedade simbólica, o trio do Criador, da Criatura e do Criado que aqui se destaca.¹⁸⁵

“É da posição do Criador, com efeito, que remontamos à do Criado, que subjetivamente cria”¹⁸⁶. O Deus de Schreber se desdobra numa hierarquia de reinos, dissocia-se em seres, gatunos, degenerados ou de identidades desconectadas. Seres estes implicados no ser de Schreber, assim ameaçando sua integridade, Deus é visto na realidade psíquica de Schreber em suas transmissões de significantes como fios (*Fäden*) que se materializam atravessando o seu crânio até o lóbulo occipital. No decorrer do tempo Deus amplia-se no campo dos seres degradados, sem inteligência, como os pássaros miraculados, os pássaros falantes e os vestibulos do céu. Que Freud já havia detectado como símbolos do feminino, ligados a ordem da aversão, repúdio às mulheres.

O ser de Deus afasta-se, de seu espaço, o que produz uma lentificação de suas palavras “até a escansão de um soletrar balbuciante”. Lacan toma esse Outro único, articulado na existência do sujeito, num esvaziar de lugares, num murmúrio de palavras, que Schreber nos indica: Deus está foracluído de qualquer outro aspecto de intercâmbio. E acaba respondendo a isso apenas se desculpando. “Deus não é apenas impermeável à experiência; ele é incapaz de compreender o homem vivo; só o apreende pelo exterior (que com efeito parece ser seu modo essencial); toda interioridade lhe é vedada”¹⁸⁷. Porém, Lacan destaca que existe um “sistema de notas” (*Aufschreibesystem*) onde se conservam atos e pensamentos e a purificação das almas (*Läuterung*) que abolem a persistência de sua identidade pessoal, reduzido a subsistência eterna, este sistema de notas é o único meio pela qual Deus pode conhecer a obra dos homens.

Com isso acabaremos, enfim, por nos espantar com o fato de que o sujeito atormentado por esses mistérios não hesite, por mais Criado que seja, em antepor com suas palavras as ciladas de uma consternadora estupidez de seu Senhor, nem em se manter em oposição e contra a destruição que ele O acredita capaz de empregar em relação a ele e em relação a qualquer um, através de um direito fundamentado em nome da Ordem do Mundo (*Weltordnung*), um direito que, por estar de seu lado, motiva o singular exemplo da vitória de uma criatura a quem uma cadeia de desordens fez tombar sob o golpe da “perfídia” de seu criador. (“Perfídia”, essa palavra solta, não sem reservas, está em francês: S. 226-XVI.)¹⁸⁸

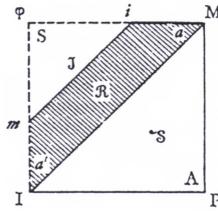
¹⁸⁵ Lacan, (1957-1958), p. 567.

¹⁸⁶ *Idem, Ibidem.*

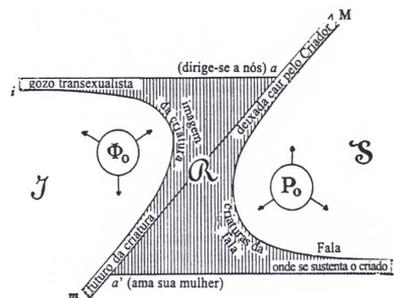
¹⁸⁷ *Idem*, p. 568-9.

¹⁸⁸ Lacan, (1957-1958), p. 569.

Lacan analisa a posição do sujeito (Schreber), constituído no simbólico, no esquema R ¹⁸⁹:



Parece que se o Criado I (letra I do esquema I, abaixo) assume o lugar em P (aqui há um furo no simbólico - foracluído) o lugar do Criador indicado por “deixar largado” (*liegen lassen*) ou “deixada cair pelo Criador”. Lacan diz que isso indica um abandono fundamental que se manifesta, pela foraclusão do Pai, e nesta ausência que permitiu constituir-se (Schreber), na primordial simbolização, o M da Mãe “deixada cair pelo Criador” ou “deixar largado” (*liegen lassen*). Assim, a linha “Criaturas da fala” indicada no esquema I, que parte do “Criado I” ao “M da Mãe”, contorna o furo cavado no campo do significante pela foraclusão do Nome-do-Pai, indicando que as “Criaturas da fala” estão ou “ocupam o lugar do filho recusado às esperanças do sujeito” ¹⁹⁰.



Lacan, nesse sentido, aponta: “pois já desde antes abri-se para ele, no campo do imaginário a hiância que correspondia à falta da metáfora simbólica, aquela que só poderia encontrar meios de se resolver na efetivação da *Entmannung* (emasculação)” ¹⁹¹.

A fantasia de emasculação, objeto de horror, num primeiro momento, passou a ser aceita como um compromisso razoável e irreversível, e motivo futuro de redenção com relação a “Ordem das Coisas”. Não se trata de uma castração real (perda do pênis). Ainda, Lacan alerta sobre a ambigüidade em tomar como equivalentes, os termos, a transformação do sujeito em mulher (*Verweiblichung*) e eviração (com mesmo sentido

¹⁸⁹ Esquema R: ver capítulo anterior p. 47.

¹⁹⁰ Lacan, (1957-1958), p. 570.

¹⁹¹ *Idem, Ibidem.*

de *Entmannung*). Diz que essa ambigüidade como própria da estrutura subjetiva que a produziu que faz fronteira, no campo do imaginário, com a transformação do sujeito em mulher:

é justamente o que o faz abdicar de qualquer herança da qual ele possa legitimamente esperar a atribuição de um pênis a sua pessoa. E isso porque, caso ser e ter excluam-se por princípio, eles se confundem, ao menos quanto ao resultado, quanto se trata de uma falta. O que não impede que sua distinção seja decisiva para o que segue¹⁹².

Lacan não se trata de uma forraclusão do pênis mas “*mas por ter que ser o falo, que o paciente estará fadado a se tornar mulher*”¹⁹³. Segundo Lacan a paridade (mulher = falo) produz-se no imaginário “*por onde o desejo da criança vem a se identificar com a falta-a-ser da mãe, à qual, é claro ela mesma foi apresentada pela lei simbólica onde essa falta se constitui*”¹⁹⁴. Essa identificação com o desejo da mãe, sua “falta-a-ser”, abala o tripé imaginário. Lacan cita um fato das Memórias onde na separação da mãe, seu refúgio sofre acesso de confusão ansiosa com impulso suicida. No inconsciente do sujeito existe uma idéia de origem precoce de que “*na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens*”¹⁹⁵.

Aqui se localiza um ponto nevrálgico, sobre o sentido da fantasia do sujeito, esse ponto fixa o seu lugar, que é a idéia de que “*seria belo ser uma mulher na hora da copulação*”¹⁹⁶.

As vozes bem informadas por boas fontes informaram a Schreber a posteriori, a data de sua morte. Sabemos que morreu em estupor catatônico mas suas recordações sobre esta data não faltam. Pretendia a travessia da morte de pés adiante, projetou o pés para fora da janela justificando calor, talvez reatualizando (na transformação imaginária), a cena de seu nascimento.

Mas essa não é uma carreira que se retome, aos cinquenta anos bem vividos, sem experimentar uma certa inquietação. Daí o retrato fiel que as vozes, analistas, digamos, lhe dão dele mesmo, como um “cadáver leproso conduzindo a outro cadáver leproso” (S.92-VII), descrição brilhantíssima, convenhamos, de uma identidade reduzida ao confronto com seu duplo psíquico, mas que, além disso, deixa patente a regressão do sujeito, não genética, mas tópica, ao estágio do espelho, na medida em que a relação com o outro especular reduz-se aí a seu gume mortal.¹⁹⁷

¹⁹² Lacan, (1957-1958), p. 571.

¹⁹³ *Idem*, p. 570.

¹⁹⁴ *Idem*, p. 572.

¹⁹⁵ *Idem*, p. 570.

¹⁹⁶ *Idem*, p. 572.

¹⁹⁷ *Idem*, p. 574.

Época que coincide com a idéia de corpo como amontoado de colônias de “nervos”, depósito de fragmentos soltos de identidades de seus perseguidores.

Lacan chama a atenção sobre a relação disso tudo com a homossexualidade, manifesta no delírio, diz que o uso desse termo na interpretação pode acarretar prejuízos, se não forem esclarecidas as relações simbólicas determinantes.

Determinação simbólica em forma de uma estrutura imaginária. Nesta fase apresenta dois traços (anotados por Freud). Primeiro a prática transexualista, que podemos até comparar a perversão. Schreber se entrega a atividade erótica que ele diz solitária mas prazerosa. Olha-se no espelho contemplando sua imagem de mulher, vestido de mulher, comparando a parte superior de seu peito ao busto de uma mulher.

Sua percepção endossomática dos chamados nervos de “volúpia feminina” nos pontos onde ele supõe serem zonas erógenas na mulher. Na contemplação da imagem da mulher, seus pensamentos são fundamentados em algo de feminino, satisfazendo ainda mais a volúpia divina. Estas fantasias libidinais colocam a feminilização do sujeito na coordenada da copulação divina.

Assim, se Schreber terminar sua transformação em mulher, ocorrerá o ato de fecundação divina, com o qual Deus não poderá comprometer-se, num encaminhamento obscuro através dos órgãos. (Deus tem aversão pelos homens vivos). Portanto, numa operação espiritual Schreber despertará nele o germe embrionário. Essa nova humanidade espiritual das criaturas schreberianas geradas de suas entranhas, substitui a humanidade condenada e apodrecida da era atual. Há nisso uma espécie de redenção, mas que visa apenas à criatura que está por vir, pois a do presente está atingida por uma decadência. Lacan compara à cena schreberiana a paródia do casal de sobreviventes derradeiros que, após uma catástrofe, se colocariam no lugar de repovoar a terra.

Aqui, mais uma vez, podemos colocar sob o signo da criatura o ponto decisivo de onde a linha escapa em suas duas ramificações, a do gozo narcísico e a da identificação ideal. Mas no sentido de que sua imagem é a isca da captura imaginária em que tanto uma quanto a outra se enraízam. E, também nesse caso, a linha gira em torno de um furo, precisamente aquele em que o “assassinato d’almas” instalou a morte.¹⁹⁸

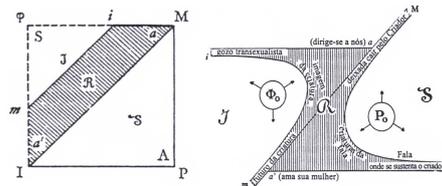
Terá esse outro abismo sido formado pelo simples efeito, no imaginário, do vão apelo feito no simbólico à metáfora paterna? Ou deveremos concebê-lo como produzido num segundo grau pela elisão do falo, que o sujeito reduziria, para resolvê-la, à hiância mortífera do estágio do espelho? Seguramente, o vínculo – dessa vez genético – desse estágio com a simbolização da Mãe como primordial não pode deixar de ser evocado, para motivar essa solução.¹⁹⁹

¹⁹⁸ Lacan, (1957-1958), p. 577.

¹⁹⁹ *Idem, Ibidem.*

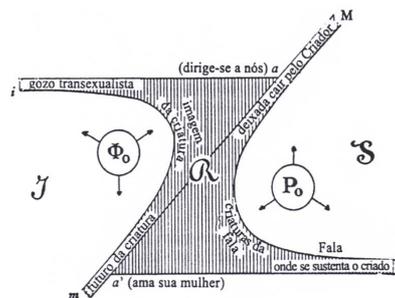
Lacan situa os pontos geométricos do esquema R em outro esquema que representa a estrutura do sujeito saída “término” “estabilização” do processo psicótico. O nomeia de esquema I visando à formalização do processo psicótico em Schreber, ou uma apresentação clara de seus processos envolvidos neste caso de psicose.

Aponta uma distorção manifesta nos pontos geométricos na transposição do esquema R para o esquema I para apresentar o processo.



No esquema Lacan indica a dupla curva hipérbola (curva em que é constante a diferença das distâncias de cada um dos seus pontos a dois pontos fixos ou focos), “*exceto pelo deslizamento dessas duas curvas ao longo de uma das retas diretrizes (linha básica que determina o traçado de uma estrada) de sua assíntota*”²⁰⁰ (para uma curva plana, é uma linha em que a distância entre um ponto P sobre a curva e a linha aproxima-se de zero, quando a distância do ponto P à origem aumenta indefinidamente), “*o vínculo tornado sensível*”, na dupla assíntota “*que une o eu delirante ao outro divino, de sua divergência imaginária no espaço e no tempo com a convergência ideal de sua conjugação*”²⁰¹. Freud já havia tido essa intuição e introduziu o termo *asymptotisch*.

Assim, o **esquema I** (abaixo) ilustra “o futuro dessa criatura” (m) “abandonada pelo criador” (a função simbólica) que se vê assim objeto passivo de uma mãe (M), que por não participar igualmente da função simbólica, não se constitui como Outro desejante. O eixo da fala não tocará senão assintoticamente aquele da imagem, e uma vez que com isso o sujeito (S) desaparece, em seu lugar virá se colocar o ego (ideal) delirante (i). O psicótico se toma pelo que o ego ideal representa, a saber: o objeto fálico materno; e é como outro (a), como sendo esse objeto, que ele “se dirige a nós”.



²⁰⁰ Lacan, (1957-1958), p. 578.

²⁰¹ *Idem, Ibidem.*

Toda a espessura da criatura real, ao contrário, interpõe-se para o sujeito entre o gozo narcísico de sua imagem e a alienação da fala em que o Ideal do eu assumiu o lugar do Outro.²⁰²

O esquema I de Lacan demonstra que o estado terminal da psicose não representa uma cristalização, uma petrificação do abalo, não obstante, ilustra a possibilidade de uma solução harmônica. Diz que materializa significativamente as investigações de Freud e também uma produção do estado terminal da psicose. Laçando luz à produção e aos aspectos constitutivos dessa estrutura, ou arranjo estrutural da psicose em Schreber.

No esquema destacam-se as relações de indução de significante, recaindo no imaginário do sujeito, que determinam seu transtorno.

Lacan aponta a sucessão simbólica dos reinos anteriores e posteriores de Deus, inferior e superior, mudanças de políticas em relação ao sujeito, indicam as diferentes etapas da dissolução imaginária, que, em sua intrincada rede acaba por restabelecer ali uma ordem do sujeito.

Quanto à questão que aqui promovemos sobre a incidência alienante do significante, guardaremos o nadir de uma noite de julho de 94 em que Ariman, o Deus inferior, revelando-se a Schreber no mais impressionante aparato de seu poder, interpelou-o com esta palavra simples e, no dizer do sujeito, corrente na língua fundamental (S.136-X): *Luder!*²⁰³

A tradução do termo como, por exemplo, ao *lewd* inglês, não satisfaz em seu esforço de se acrescentar ao sentido de ordinária ou vagabunda, que é seu emprego como injúria obscena.

Mas tomando a língua fundamental e seu arcaísmo Lacan autoriza-se:

..a remeter esse termo à raiz do *leurre* francês e do *lure* inglês (ambos os quais têm as acepções diversas de engodo, logro, chamariz, isca, etc. (N.E.)), que é de fato a melhor alocação *ad hominem* que se pode esperar, vindo do simbólico: o grande Outro tem essas impertinências.²⁰⁴

O campo R no esquema I (campo do real) representa a realidade restabelecida para Schreber. Como uma pequena ilha, cujo caráter é imposto a ele, numa constância habitável, mas que “*também a distorce, ou seja, com excêntricos remanejamentos do imaginário, I, e do simbólico, S, que a reduzem ao campo do descompasso entre ambos*”²⁰⁵. No auge da dissolução imaginária Lacan aponta que Schreber em seu delírio

²⁰² Lacan, (1957-1958), p. 578.

²⁰³ *Idem*, p. 579.

²⁰⁴ *Idem*, p. 580.

²⁰⁵ *Idem, Ibidem*.

utiliza um recurso singular, como critério de realidade, que é sempre voltar ao mesmo lugar, assim, aponta os astros como seu representante, denominado pelas vozes como *ligação as terras (Anbinden na Erden)*. Portanto, a função da realidade assim como seus efeitos é o que importa.

Não podemos saber quem somos (leitores) para Schreber, nem o que resta da relação dele com a sua mulher, para quem cujo foi dedicado o livro, e que nas visitas sempre era acolhida com a mais intensa emoção que afirma nos delírios “*ter conservado o antigo amor*” “*ama sua mulher*” (no lugar de a’) (ver esquema I – página 67).

Segundo Lacan a estabilidade do traçado Saa’A que simboliza a relação com o outro semelhante, até mesmo o laço conjugal, são compatíveis com a relação fora-do-eixo com o grande Outro e tudo que contém de anomalia radical, classificada na velha clínica como: “delírio parcial”.

“*o que afirmamos aqui é: ao se reconhecer o drama da loucura, põe-se a razão em pauta, sua res agitur, porque é na relação do homem com o significante que se situa esse drama*”²⁰⁶.

Lacan destaca que não devemos nos intimidar em “delirar com o doente”, como já havia assinalado Freud, mas que ao fazer isso, “escutar aquele que fala” pode-se:

..quando se trata de uma mensagem que não provém de um sujeito para-além da linguagem, mas de uma fala para-além do sujeito. Pois é então que ouvimos essa fala, que Schreber capta do Outro, quando, de Ariman a Ormuzd, do Deus maligno ao Deus ausente, ele traz a admoestação em que se articula a própria lei do significante: “*Aller Unsinn hebt sich auf!*” – “*Todo absurdo se anula!*” (S. 182-183-XIII e 312-P.S. IV).²⁰⁷

No pós-escrito encontrado no fim do texto “*De Uma Questão...*” (dez. 1957 – jan. 1958) Lacan frisa seus ensinamentos, partindo de Freud no qual “*Outro é o lugar da memória*”, chamado por Freud de inconsciente (Outro). Memória esta que permanece atrelada aos mais infantis dos desejos da criança.

Lacan entende esta questão pela via da concepção da cadeia significante, uma vez originada pela simbolização primordial “*Fort! Da!*” se desenvolve segundo uma lógica própria sobre o que há por significar, no mundo, orienta-se assim pelos efeitos significantes da metáfora e da metonímia. Um problema, no par presença-ausência “*simbolização primordial*” que produz a falha característica da psicose “foraclusão” do

²⁰⁶ Lacan, (1957-1958), p. 581.

²⁰⁷ *Idem, Ibidem.*

significante Nome-do-Pai no lugar do Outro, e o malogro da “metáfora paterna”, conferindo a psicose sua condição especial como estrutura separada da neurose.

Lacan chama a atenção para a relação de Schreber com Deus, marcada por traços negativos que a fazem afigurar-se mais como uma mistura do que uma união do ser com o ser, com voracidade condensada ao asco, da Presença e do Júbilo que iluminam a experiência mística, que demonstra e fundamenta a ausência de um vocábulo para o chamado de Deus e para o apelo de Deus (como pronome Tu – 2º pessoa), e que é o significante do Outro a fala.²⁰⁸

Portanto, a partir de “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58)*” Lacan lança os fundamentos à estrutura psicótica, destacando que para que uma psicose se desencadeie “*é preciso que o Nome-do-Pai, verworfen, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em posição simbólica ao sujeito*”²⁰⁹. Assim, a falta do significante do Nome-do-Pai, abre-se um furo no significado o que acarreta uma “*casca de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante*”²¹⁰.

Partimos da definição de psicose em Freud. Analisamos em Freud o *Caso de Schreber*, descrevemos alguns conceitos e a teoria lacaniana da constituição do sujeito. Assim, a partir de uma “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58)*” podemos concluir este trabalho a seguir:

²⁰⁸ Lacan, (1957-1958), p. 582.

²⁰⁹ *Idem*, p. 584.

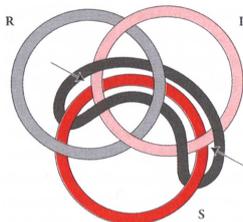
²¹⁰ *Idem*, p. 584.

Conclusão:

O determinismo da paranóia deve ser buscado em um traço da estrutura que Lacan indicou e nomeou como a forclusão do Nome-do-Pai.
211

Neste trabalho, privilegiou-se a análise do Presidente Schreber um caso de paranóia. É importante destacar a contribuição de Lacan (sua tópica do RSI – Real, Simbólico e Imaginário) descrita no Seminário R.S.I. Esta ilustrada pela noção do nó borromeano de três anéis (abaixo). O *Real* é o registro do impossível, o conjunto das coisas, objetos, que não podem ser simbolizado totalmente pelo sujeito falante ou “*fallasser*”. O *Imaginário* como uma relação dual de identificação (com imagem, a mãe, as coisas), são as imagens referentes a um período do *infantil*²¹². Com o advento ao mundo da linguagem o infans adquire estatuto de *sujeito* constituindo um terceiro registro: o da mediação “*Simbólico*”, agora pode nomear as coisas, refletir, interpretar, etc.

Lacan utiliza para formalizar sua idéia a noção de nó borromeano:



Nesta concepção o equilíbrio do *sujeito* implica no equilíbrio dos registros R.S.I. No registro *imaginário*, onde o “eu” impera, é o elo inseparável do nó *borromeano* que sela o destino do sujeito. A estrutura é exatamente a articulação desses três registros, como o ilustrado no nó, quando há ausência de um deles, provoca a desarticulação dos outros dois, ou seja, da estrutura. Há um “*quarto nó*” em destaque (em preto) que indica a passagem pelo processo edipiano normal (completo), que por sua vez, enlaça os registros do Imaginário, Simbólico e Real chamado por Lacan de *Sinthoma* que designa o estilo do sujeito, sua realidade psíquica, ou significante do Nome-do-Pai.

Para Lacan é a mãe, no vínculo de amor e de respeito, coloca, ou não, o pai (lugar simbólico) em seu lugar ideal. Não da forma como ela se relaciona com a pessoa

²¹¹ Chemama & Vandermersch, 2007, p. 290.

²¹² *Infantil*: fase da vida e não lugar do sujeito em sua fantasia fundamental constituída nos primeiros anos de vida.

do pai, mas a importância que ela dá à palavra dele, à sua autoridade; assim, recorta o lugar do Nome-do-Pai na promoção da lei.

Segundo Lacan para que uma psicose se desencadeie, “*é preciso que o Nome-do-Pai, verworfen, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em posição simbólica ao sujeito*”²¹³. Chemama & Vandermersch, 2007 destacam que:

Lacan caracteriza a psicose pela forclusão de um significante primordial no Outro, o Nome-do-Pai, significante metafórico por excelência, que permite que o sujeito aceda à significação fálica. A falta desse significante no simbólico, o furo que nele se constitui, provocam uma falta e um buraco correspondentes no imaginário fálico.²¹⁴

Nesse sentido, na falta da inscrição da metáfora paterna, Nome-do-Pai, um “*furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante*”²¹⁵. A paridade (mulher = falo) produz-se no imaginário “*por onde o desejo da criança vem a se identificar com a falta-a-ser da mãe, à qual, é claro ela mesma foi apresentada pela lei simbólica onde essa falta se constitui*”²¹⁶. Essa identificação com o desejo da mãe, sua “*falta-a-ser*”, abala o tripé imaginário. Lacan cita um fato das Memórias onde na separação da mãe, seu refúgio sofre acesso de confusão ansiosa com impulso suicida. No inconsciente do sujeito existe uma idéia de origem precoce de que “*na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens*”²¹⁷.

Joël Dor a partir dessa observação de Lacan reitera que Schreber na impossibilidade de ser o falo para respondendo como sendo a solução de ser “*A Mulher que falta aos homens*”, “*o imaginário delirante de feminização do psicótico*” - Somos confrontados com o “*terreno limite do transexualismo*” “*um entre dois*”, o que Joel Dor explica como um meio caminho entre as psicoses e as perversões.²¹⁸

Aqui se localiza um ponto nevrálgico, sobre o sentido da fantasia do sujeito, esse ponto fixa o seu lugar, que é a idéia de que “*seria belo ser uma mulher na hora da copulação*”²¹⁹. Para Schreber o significante “*A Mulher*”²²⁰ funciona como quarto nó, o

²¹³ Lacan, (1957-1958), p. 584.

²¹⁴ Chemama & Vandermersch, 2007, p. 85-6.

²¹⁵ Lacan, (1957-1958), p. 584.

²¹⁶ *Idem*, p. 572.

²¹⁷ *Idem*, p. 570.

²¹⁸ Dor, 1987, p.152-3.

²¹⁹ *Idem*, p. 572.

Sinthoma que designa o estilo do sujeito. Esse ‘quarto nó’ em Schreber pode ser metaforizado por sua carreira de juiz. Porém, em determinado momento de sua história, ocorre um acontecimento, ou um “evento na realidade”, que desfaz essa *suplência*²²¹ à forclusão do Nome-do-Pai liberando os três registros. Assim, qualquer falha em qualquer um dos elementos da estrutura acarretará a falha de toda a estrutura.

Entendemos que o que produz o delírio é a libido que ao invés de ir para o corpo vai para a representação “simbólico”. Em Schreber o significante “*A Mulher*” atua como suplência a falta do Nome-do-Pai - “o estabilizando”. É nesse sentido que podemos falar no delírio como tentativa de cura. Schreber constrói uma *metáfora delirante* com sua raiz nodal no significante “*A mulher*”.

Chemama & Vandermersch (2007) explicam que a idéia de *metáfora delirante* leva Lacan retomar a dedução gramatical e a definição freudiana de delírio, relacionando-as, com a dimensão da mensagem (a significação) e com a do código (tesouro do significante) permitindo identificar no delírio psicótico, a relação do sujeito com o outro, no registro imaginário (pequeno outro) e no registro simbólico (grande Outro). Assim, na vertente do código ou, do tesouro do significante, que constitui o grande Outro, da relação do sujeito com o simbólico, Lacan irá insistir em um mecanismo de delírio que não chamou a atenção de Freud: a *interpretação*.

A interpretação delirante seria a tentativa de aliviar essa falta no simbólico e suas conseqüências no imaginário, porém ao preço, para o sujeito, dele mesmo ter de sustentar, no lugar do *falo* que faz falta, a significação em seu conjunto. Assim, a *interpretação* é uma *metáfora delirante*, que Lacan resume, no Caso de Schreber, nos seguintes termos: “*Sem poder ser o falo que falta a mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens*”, *metáfora feminilizante inaugural, a partir da qual se poderão acompanhar as sucessivas transformações do delírio, até sua redenção final.*²²²

A primeira crise de Schreber ocorre quando nomeado presidente da corte de apelação de Dresden (1895) quando encontra ali uma pesada carga de trabalho e cercado por outros juízes mais experientes “velhos” se encontrava em uma situação de competição viril.

Schreber ao ser convocado ao lugar do pai não tem como responder, pois devido a forclusão do Nome-do-Pai este lugar simbólico do pai “a ele falta”.

²²⁰ Ao longo deste trabalho apontamos que *A Mulher* em Schreber funciona como suplência ao Nome-do-Pai. “*Como seria bom ser uma mulher e se submeter ao coito com Deus*”. Assim, fecundado por Deus então ele seria a mulher.

²²¹ *Suplência*: supri uma falta; em Schreber o significante “*A mulher*” atua como suplência ao Nome-do-Pai foracluído.

²²² Chemama & Vandermersch, 2007, p. 85-6.

É assim que desencadeia a psicose em Schreber, no momento em que é chamado a ocupar uma função simbólica de autoridade, situação à qual só teria podido reagir com manifestações alucinatórias agudas, as quais pouco a pouco a construção de seu delírio virá trazer uma solução, constituindo, no lugar da metáfora paterna fracassada, uma “metáfora delirante”, destinada a dar um sentido àquilo que, para ele, era totalmente desprovido de sentido.

Na teoria freudiana da paranóia ocorrem dois pontos essenciais: regressão ao narcisismo e evitação, pela projeção, dos fantasmas homossexuais. Segundo Freud a parte mais essencial de sua missão redentora é ela ter de ser precedida por sua *transformação em mulher*. Não se deve supor que ele *deseje* ser transformado em mulher; trata-se antes de um ‘dever’ baseado na Ordem das Coisas, ao qual não há possibilidade de fugir, por mais que, pessoalmente, preferisse permanecer em sua própria honorável e masculina posição na vida.²²³

Para Freud, a causa ativadora da doença foi o aparecimento de uma fantasia feminina (isto é, homossexual passiva) de desejo, que tomou por objeto a figura do médico. Assim, toma forma em Schreber um *delírio de perseguição*, em conseqüência da resistência a esta fantasia homossexual. Freud aponta que “*a pessoa por que agora ansiava tornou-se seu perseguidor, e a essência da fantasia de desejo tornou-se a essência da perseguição*”²²⁴. Freud continua e acrescenta alguns comentários para estabelecer as causas do conflito que irrompeu em relação à fantasia feminina de desejo:

Como sabemos, quando uma fantasia feminina de desejo aparece, nossa tarefa é associá-la com alguma frustração, alguma privação na vida real. Ora, Schreber admite haver sofrido privação deste tipo. Seu casamento, que descreve como feliz, sob outros aspectos, não lhe deu filhos; e, em particular, não lhe trouxe filho homem que poderia tê-lo consolado da perda do pai e do irmão e sobre quem poderia ter drenado suas afeições homossexuais insatisfeitas.²²⁵

Assim, segundo Freud, seu casamento manteve este contínuo sentimento de frustração presente da esperança de serem abençoados com filhos. O que se relaciona a sobre a nova raça de Homens, Schreber, no seu delírio parece sentir orgulho de seu nascimento e linhagem ‘*tanto os Flechsigs quanto os Schrebers eram membros da “mais alta nobreza do Céu”*’. E Freud conclui:

O Dr. Schreber pode ter formado uma fantasia de que, se fosse mulher, trataria o assunto de ter filhos com mais sucesso; e pode ter assim retornado à atitude feminina em relação ao pai que apresentaria nos primeiros anos de sua infância. Se assim fosse, então o delírio de que, por causa de sua emasculação, o mundo se povoaria de ‘uma nova raça de homens nascidos no

²²³ Freud (1911), p. 28.

²²⁴ *Idem*, p. 56.

²²⁵ *Idem*, p. 65-6.

espírito de Schreber' (288) — delírio cuja realização continuamente adia para um futuro cada vez mais remoto — teria também a intenção de oferecer-lhe uma saída para sua falta de filhos. Se os 'homenzinhos' que o próprio Schreber acha tão enigmáticos fossem crianças, então não teríamos dificuldade em compreender por que se achavam reunidos em tão grande número em sua cabeça (158): eles eram, verdadeiramente, os 'filhos de seu espírito'.²²⁶

No delírio de Schreber é como se tudo girasse em torno da idéia que sentia que tinha a missão de redimir o mundo e reconduzi-lo a seu estado de bem-aventurança. Tal missão deveria ser precedida da destruição do mundo e pela transformação de sua pessoa em mulher. Já transformado em mulher, Schreber seria a companheira de Deus, e desta união surgiria uma raça melhor e mais saudável de homens.

Chemama (2007) aponta que no delírio, Schreber acreditava ter sido convocado para a salvação do mundo: “isso sob uma incitação divina, que lhe era transmitida pela linguagem dos nervos, e em uma língua particular, chamada língua fundamental (alem.: *Grundsprache*)”.²²⁷ E para que isso se realiza-se seria preciso que se transformasse em mulher.

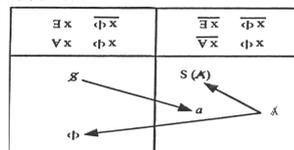
A não definição sexual em Schreber é consequência de uma lógica simples. A fantasia de castração é a resposta da pergunta da diferença sexual, se a castração não funciona, não há diferença sexual. Se não há diferença sexual o que Schreber fala: sou homem e mulher, é uma afirmação não é uma pergunta. À pergunta falta a resposta. A afirmação não tem falta. Eu sou homem e mulher. Por exemplo, a histérica se pergunta: eu sou homem ou mulher? Portanto, dois enunciados diferentes, duas estruturas diferentes.

No momento que se é forcluído o significante Nome-do-Pai (em Schreber) não há decisão na filiação e na sexuação²²⁸. Se não há decisão na sexuação o sujeito não

²²⁶ *Idem*, p. 66.

²²⁷ Chemama & Vandermersch, 2007, p. 288.

²²⁸ Nas fórmulas da sexuação Lacan apresenta:



O lado esquerdo representa o lado masculino e o esquerdo o feminino. Segundo Lacan só existe sexualidade e diferença entre o homem e a mulher em função de que existe no lado do homem; ao menos Um que não é castrado. Lacan utiliza símbolos algébricos para representar logicamente sua idéia. A letra Φ representa função fálica, e dizer função fálica é dizer que há sujeitos que já se inscreveram na ordem do significante, isto é, passaram pelo processo de castração no Édipo. Em matemática o traço acima de letras significa negação e a letra E “existe” da teoria dos conjuntos em matemática. Assim, leia-se: $\exists x \overline{\Phi x} =$ Existe Um que não é castrado – indica que míticamente há um que não passou pela castração: o pai da horda. (foi assassinado sem ser castrado e no lugar ficou um totem que indicaria que ninguém mais será

pode dizer sou homem ou mulher. Por isso, há um erro conceitual quando Freud diz que, em Schreber, quando trabalha os delírios, que, a paranóia é uma defesa contra a homossexualidade. Porque se há homossexualidade há decisão homossexual (sexual). E, na psicose não há decisão sexual. Então se há defesa da paranóia não é contra a homossexualidade é contra o transexualismo. A mulher de deus é o Nome-do-Pai (é o retorno do recalcado, portanto uma deformação do nome do pai) em Schreber. Portanto, se Deus é o Nome-do-Pai em Schreber, Deus está no lugar da exceção. Deus estaria no lugar de que há exceção (existe menos um que diz não a castração). A Mulher para Schreber, ela existe. Para os neuróticos \bar{A} Mulher não existe, enquanto conjunto. A Mulher enquanto conjunto não existe porque não tem exceção que instaure o universo das mulheres. Os homens existem como universo, porque há uma exceção que funda o universo dos homens²²⁹. Existe pelo menos um que diz não à castração, por isso todos dizem sim à castração, esse é o universo dos homens. Para as mulheres não existe uma que diga não à castração, não existe não-toda, não existe o universo mulher. A mulher está do lado do singular. Mas para Schreber existe A mulher, e se, para Schreber existe a mulher então ela é a exceção, ela é o Nome-do-Pai.

BIBLIOGRAFIA:

- CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. Editora Unisinos - RS (2007).
- CIRINO, Oscar. *Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CROMBERG, Renata Udler: *Paranóia (série clínica psicanalítica)*. São Paulo; casa do psicólogo, 2000.

não castrado). Assim, agora todos serão castrados e obedecerão a uma lei, ou seja, para o pai da horda existia um pode tudo (pai gozador) e para os demais haverá um não pode. A lei é um “*não pode*”, aquilo que regra a sexualidade: “*não pode alguma coisa...*”. Em termos sexuais a lei enuncia um não pode tudo e está mesma lei regra também a sociabilidade. Em termos sociais não se pode tudo. A partir da lei todos os homens se constituem assim: $\forall x \langle \bar{p} \rangle x$: qualquer que for homem é castrado (tem um não pode em termos sexuais e um não pode em termos sociais). Lacan diz no lado da mulher: $\exists x \langle \bar{p} \rangle x$ leia-se: não existe está Mulher não castrada. $\forall x \langle \bar{p} \rangle x$ leia-se: não qualquer que seja A Mulher castração da Mulher. Isto é, não-todas as mulheres são castradas, tem uma parte da mulher que não são castradas, essa parte não castrada se relaciona ao que é próprio do feminino na mulher. Que não é ser mãe, mas é o que permite a ela colocar o filho neste lugar de falo (ser colocada no lugar de objeto causa do desejo do filho). A mãe encontra no filho o que falta ao sujeito masculino. Ainda os homens não são fálícos porque são castrados simbolicamente. A mãe é fálíca, encontra no filho aquilo que não possui porém se o filho ficar neste lugar ele não se constituirá como sujeito.

²²⁹ Freud em “*totem e tabu*” reconhece o significante do pai, no assassinato do pai primevo “gozador”, “*assim mostrando que, se esse assassinato é o momento fecundo da dívida através da qual o sujeito se liga à vida e à Lei, o Pai simbólico, como aquele que significa essa Lei, é realmente o Pai morto*” ²²⁹. (Lacan, 1957-1958, p. 563).

- DOR, Joël. *Estrutura e perversões* (1987). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: estrutura do sujeito*. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Vol. II.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. Vol. I.
- DOR, Joël. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- EY, Henri. *O inconsciente* – VI Colóquio de Bonneval (1960). Edições Tempo Brasileiro - Rio de Janeiro, 1969. Vol. I.
- FREUD, S. Achados, Idéias, Problemas (1938) In *Moises e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-39) In: Obras Psicológicas Completas, vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 317-18.
- FREUD, S. Conferência X - Simbolismo dos sonhos In *Conferências introdutórias sobre a psicanálise* (1915-16) (partes I e II). In: Obras Psicológicas Completas, vol. IV. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. Conferência XXVI – A teoria da libido e o narcisismo. In *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1916-17) (Parte III). Obras Psicológicas Completas, Vol. XVI. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess – Rascunho K “As neuroses de Defesa (Um Conto de Fadas Natalino)” (1896). In *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-99) In: Obras Psicológicas Completas, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Neurose e psicose (1924[1923]). In *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). In Obras Psicológicas Completas, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranóides) (1911). In *O Caso de Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos*. In Obras Psicológicas Completas, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. Psicanálise e Psiquiatria. In *conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-17). Obras Psicológicas Completas, Vol. XVI. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo uma introdução. In *A história do movimento psicanalítico artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1915) In: Obras Psicológicas Completas, vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Uma neurose demoníaca do século XVII (1923[1922]). In *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). In Obras Psicológicas Completas, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. A cisão do Eu no Processo de defesa (1938) In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume III. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, Sigmund. À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914) In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume I. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.
- FREUD, Sigmund. A negativa (1925) In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume III. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, Sigmund. A perda da Realidade na Neurose e Psicose (1924) In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume III. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, Sigmund. Fetichismo (1927) In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume III. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

- FREUD, Sigmund. Neurose e Psicose (1924) In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume III. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- GODINO CABAS, Antonio. *Curso e discurso na obra de Jacques Lacan*. São Paulo: Centauro, 2005.
- HANNIS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- JULIEN, Philippe. *O Retorno a Freud de Jacques Lacan: A Aplicação ao Espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
- KAUFMANN, Pierre (1996). *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LACAN, J. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvin Ed., 1980.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 3: as psicoses, (1955-56)*; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Aluisio Menezes. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- LACAN, Jacques. De nossos antecedentes (1966) In *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58). In *Escritos* (1966). Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu – tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 4: a relação de objeto (1956-57)*; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Dulce Duque Estrada.; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 1995.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 5: as formações do inconsciente (1957-58)*; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Vera Ribeiro; revisão Marcus André Vieira - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 1999.
- LACAN, Jacques. *Problemas cruciais para a psicanálise (1964-1965)*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do centro de estudos freudianos do Recife. Recife, outubro de 2006.
- LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960) In *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise* (1982). São Paulo, Martins Fontes, 4ª edição, 2001.
- MARINI, Marcelle. Lacan: a trajetória do seu ensino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- NIEDERLAND, William G. O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide (1974). Rio de Janeiro: Campos, 1981.
- QUINET, Antonio. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- QUINET, Antonio. *Teoria e clínica da psicose (1986)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Editora Cultrix.
- SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos (Schreber)*. Tradução e organização Marilene Carone. Editora Paz e Terra - 2ª edição, 2006.